

FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO
MESTRADO EM DESENHO E TÉCNICAS DE IMPRESSÃO

Mulher(es) de Borracha

Oficina de Carimbos e Zine Colaborativa
Enquanto Espaço de Diálogo entre o
Desenho e a Representação Feminina

Gabriela Ribeiro César
Orientação: Professora Doutora Sofia Ponte

PORTO, SETEMBRO DE 2018

Índice

Agradecimentos.....	X
Declaração de Autenticidade.....	XI
Resumo.....	XII
Abstract.....	XIII
Nota às Traduções.....	XIV
Contextualização da Pesquisa.....	XVI
Oficinas de Desenho “Mulher(es) de Borracha”	1
Zine Colaborativa “Mulher(es) de Borracha”	32
A exposição “Mulher(es) de Borracha”	53
Considerações finais.....	61
Anexos.....	68

Índice de Figuras

Figura 1.....	XXIII
Capa dos cadernos da oficina “O Desenho do Corpo da Mulher – Para que (me) serve?”, ministrada por Gabriela César no Festival Feminista do Porto de 2017 no Espaço Associativo Contrabando (Porto).	
Figuras 2, 3 e 4.....	XXIV
Fernando Vilela demonstra o uso de carimbos escolares para a realização de ilustrações do seu livro OLEMAC E MELÔ – O encontro de um camelo e um camelô (Editora Companhia das Letrinhas, 2007).	
Figura 5.....	XXV
Imagens de oficinas realizadas por Walter Almeida (Casa Azul/Chapa Azul) utilizando-se de carimbos feitos a partir de borracha escolar.	
Figura 6.....	3
Papel de testes e desenho final de aluna da Escola Artística Árvore no primeiro dia da oficina “Mulher(es) de Borracha” no ZineFest-PT. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro, Escola Artística Árvore.	
Figura 7.....	4
Goivas, x-ato, lápis, tinta para carimbo e borrachas utilizados na oficina do primeiro dia do ZineFest-PT com alunos/as da Escola Artística Árvore. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro, Escola Artística Árvore.	
Figura 8.....	5
Cartaz impresso: impressão a laser sobre papel rosa (Claire Fontaine A4, 210 × 297 mm, 80g) para divulgação da oficina “Mulher(es) de Borracha” realizada no ZineFest-PT.	
Figura 9.....	6
Mesa de credenciamento do Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam, local onde esteve disponível gratuitamente a brochura com a programação do evento. Fotografia: Henrique Borges. Disponível em: < https://www.facebook.com/encontromulheres.pt >.	
Figura 10.....	6
Programa impresso do Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam, brochura impressa (16 páginas, papel ofício A5 [148 × 210 mm] 80g, impressão a laser). Disponível em: < https://www.facebook.com/encontromulheres.pt >.	
Figura 11.....	7
Programa impresso do Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam, p. 6 (tamanho original: [148 × 210 mm]). Tanto na versão impressa distribuída na abertura do evento quanto na versão online consta a divulgação da oficina “Mulher(es) de Borracha”.	

Figura 12.....	8
Imagem de divulgação <i>online</i> das oficinas “Mulher(es) de Borracha” realizadas em Coimbra (Casa da Esquina) e no Porto (Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam). 2604 × 2604 pixels, 300 dpi.	
Figura 13.....	10
Imagem captada pela Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore) durante a Oficina Piloto ZineFest-PT. Na Mesa 2, os/as participantes decidiram dividir a realização dos carimbos entre si.	
Figura 14.....	11
Nos desenhos da Mesa 2 (Oficina Piloto ZineFest-PT), o compartilhamento de carimbos resultou uma série de desenhos ao mesmo tempo autorais e compartilhados, feitos com o mesmo material. Na fotografia, desenhos de autoria diferente realizados com carimbo de tinta azul Horse nº 1 sobre papel ofício Claire Fontaine tamanho A3 [297 × 420 mm] na cor rosa). Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore).	
Figura 14a.....	12
Alguns dos desenhos resultantes da Oficina Piloto ZineFest-PT. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore).	
Figura 15.....	13
Imagem captada durante a Oficina no ZineFest-PT, que documenta os/as participantes a planearem através de desenhos os carimbos que gravariam na sequência.	
Figura 16.....	14
Imagem captada durante a Oficina no ZineFest-PT: participantes realizam os últimos testes em seus carimbos antes de realizarem o desenho final.	
Figura 17.....	16
Imagem captada durante a Oficina realizada na Casa da Esquina, em Coimbra. Fotografia: Casa da Esquina / Divulgação.	
Figura 18.....	19
Páginas 6 e 7 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 19.....	19
Páginas 8 e 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 20.....	20
Páginas 8 e 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. No caso da personagem que aparece aqui, há o desenrolar de uma narrativa para mais para além da mera descrição, percebendo como essa mulher interage emocionalmente com o mundo. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 21.....	20
Páginas 10 e 11 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. O símbolo do coração estilizado foi uma das escolhas da participante para representar o amor que a mulher traz ao ambiente familiar. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 22.....	21
Página 11 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).	

Figura 23.....	21
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 24.....	22
Página 7 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 25.....	22
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 26.....	22
Página 7 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 27.....	22
Página 22 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 28.....	23
Páginas 12 e 13 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. Ondas aparecem neste desenho como maneira de representar as “mulheres que vêm do mar”, como vemos a seguir na Figura 29 . 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 29.....	23
Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 30.....	23
Página 18 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 31.....	24
Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 32.....	24
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 33.....	25
Página 13 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 34.....	25
Página 14 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 35.....	26
Página 17 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 36.....	26
Página 17 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).	

Figura 37	27
Página 6 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 38.....	27
Página 24 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 39.....	28
Página 6 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 40.....	28
Página 20 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 41.....	28
Página 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 42.....	28
Página 31 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 43.....	29
Detalhe da página 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”: as mulheres usam suas mãos para lutar. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 44	29
Página 30 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 45.....	29
Página 28 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 46.....	30
Página 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 47.....	30
Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 48.....	30
Página 20 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 49.....	30
Página 27 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 50.....	31
Página 16 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 51.....	31
Página 6 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).	

Figura 52.....	41
Capa (dir.) e contra-capas (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 53.....	42
Capa (dir.) e contra-capas (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 54.....	42
Capa (dir.) e contra-capas (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 55 (esquerda) e 55a (direita).....	43
O desenho de uma participante aparece à esquerda (página 24 da zine) na composição original e à direita (página 4 da mesma zine) como uma composição vertical para a página de Introdução. Zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).	
Figura 56 (esquerda) e 56a (direita).....	44
O desenho de uma participante aparece à esquerda (página 7 da zine) e em composição realizada digitalmente à direita (página 19 da mesma zine) na Ficha técnica. Zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. Dimensões: 130 × 180 mm (cada página).	
Figura 57.....	45
Exemplo do uso da mancha na página, colunas e distâncias internas da página da zine colaborativa “Mulher(es) de Borracha”. Tamanho original: 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 58.....	46
Exemplo do uso de colunas na zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, páginas 14 e 15. 260 × 180 mm (formato aberto). Na imagem estão presentes as linhas-guia que indicam as colunas e margens das páginas.	
Figura 59.....	47
O texto da participante do canto superior direito está quase sem nenhuma leitura. Portanto, o mesmo texto (“Mulher é vida, ternura, esperança, sonhos, alegria, arte.”) aparece na página anterior reescrito com a tipografia escolhida para o projeto. Páginas 18 e 19 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 60.....	48
Exemplo do uso de paginação com texto re-escrito de maneira consoante com os desenhos e com a mensagem escrita. As zines não são uma simples documentação das oficinas, e sim de uma colaboração por meio de sua edição e paginação. Páginas 8 e 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 61.....	48
Neste caso, optei por manter o texto escrito pela participante por entender que a mesma havia tido o cuidado de compor a página, utilizando-se do texto também como um desenho. Páginas 20 e 21 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).	
Figura 62.....	49
Captura de tela da página da família tipográfica Tulia, desenhada por Rebekka Marleaux. Disponível em: < https://www.fontsquirrel.com/ fonts/tulia >	

Figura 63.....	50
A “altura x” de um tipo é definida a partir da distância entre a linha-base e a altura dos elementos em minúscula desse mesmo tipo (Conover, 2006a). Pode-se observar, na figura acima, que a fonte Tulia possui uma altura x que favorece a legibilidade mesmo quando utilizada em menor tamanho.	
Figura 64.....	51
Captura de tela da página da família tipográfica Good Girl, desenhada por Cathy Davies. Disponível para download em: < https://www.dafont.com/good-girl.font >.	
Figura 65.....	51
Detalhe da página 4 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”, evidenciando a combinação entre as fontes Good Girl e Ponsi Rounded Slab Regular no título. Tamanho original: 130 x 180 mm (página simples).	
Figura 66.....	52
Página de caracteres da família tipográfica Roboto Regular, desenhada por Christian Robertson. Esta tipografia possuem uma “altura X” que favorece a leitura, mesmo quando os caracteres estão em tamanho muito diminuído. Disponível para download em: < https://fonts.google.com/specimen/Roboto >.	
Figura 67.....	54
Vista da montra da Banca Paisagem da estação de metro Lapa. Fotografia da autora.	
Figura 68.....	54
Localização da Banca Paisagem em relação ao metro Lapa e ao Bairro da Bouça (Porto). Captura de imagem do Google Maps.	
Figura 69.....	55
Vista frontal da Banca Paisagem com medidas aproximadas das montras. Fotografia da autora.	
Figura 70.....	55
Espaço interno da Banca Paisagem, com bancada de aprox. 70 × 180 cm. Fotografia da autora.	
Figura 71.....	57
Plantas da Banca Paisagem. Imagens: divulgação/Banca Paisagem.	
Figura 72.....	57
Vista lateral da montra da Banca Paisagem, com posicionamento da mesa. Fotografia da autora.	
Figura 73.....	58
Materiais de estudo e projeção da investigação Mulher(es) de Borracha: anotações, estudos de material, compras de materiais, realização de desenhos preliminares.	
Figura 74.....	58
Mini-biblioteca da exposição Mulher(es) de Borracha. Os/as visitantes poderão levar para si um dos livros pelo prazo de uma semana após preencherem uma ficha de empréstimo.	
Figura 75.....	59
Materiais de teste da investigação Mulher(es) de Borracha: borrachas transformadas em carimbos, papéis de teste, tinta azul de carimbo, goivas de gravura. Também serão expostos os cartazes comunicativos das oficinas (na figura ao lado, vê-se o cartaz da oficina realizada no ZineFest-PT).	

Figura 76.....	59
Materiais de teste da investigação Mulher(es) de Borracha: borrachas transforma- das em carimbos, papéis de teste e tinta azul de carimbo.	
Figura 77.....	59
Pasta de suspensão de arquivos (modelo). Medidas: 330 × 240 × 315 mm. Fotografia: Staples.pt. Disponível em: < https://www.staples.pt/elba-pasta-suspens%C3%A3o-330x240x315-pk10/cbs/403458.htm >.	
Figura 78.....	60
Cartaz “Feminista de Borracha”, 30 × 40 cm, impressão serigráfica (tinta azul sobre papel cor-de-rosa). Tiragem: 60 exemplares.	

Índice de Tabelas e Quadros

Tabela 1	4
Oficinas “Mulher(es) de Borracha”, visão geral.	
Quadro 1	9
Formulário <i>online</i> de inscrição das oficinas “Mulher(es) de Borracha”.	
Tabela 2	37
Cálculo da tiragem das zines “Mulher(es) de Borracha”.	
Tabela 3	38
Cálculo do preço final das zines “Mulher(es) de Borracha”, levando em conta as contribuições recebidas durante as oficinas, custos de envio pelos Correios e impressão.	
Tabela 4	40
Lista de fornecedores de impressão em risografia (em ordem alfabética) que enviaram orçamento para a impressão das zines “Mulher(es) de Borracha”.	

Agradecimentos

À minha família, especialmente aos meus pais (César e Carla) e ao meu irmão (Caio). Vocês são minha inspiração diária para nunca desistir do que eu amo. Aos amigos e amigas que foram o grande suporte durante esses dois anos de estudo. Mesmo longe, deram um jeito de estar perto... é um sentimento agridoce. Colegas de mestrado – acabou! Ao Lucas, que entendeu que eu precisava partir e a vida é mesmo isso. Ao André.

Obrigada, João Paulo, meu irmão adotado. Obrigada, moradores/as do Chez Mimi, minha casinha no Porto.

À minha orientadora, professora Sofia Ponte, por acreditar no meu projeto mesmo quando ele ainda não tinha um formato muito definido nem para mim. Agradeço a paciência e a compreensão em todas as fases.

Aos mestres: Jaca e Thais. Prof. Paulo Almeida (FBAUP-UP). Prof. Waldomiro Vergueiro (ECA-USP). Prof. Elydio dos Santos Neto (UMESP, ECA-USP), *in memoriam*.

Aos espaços e pessoas que acolheram as oficinas “Mulher(es) de Borracha”: ZineFest-PT (Cristina e Atelier 3/3), Casa da Esquina (Sandra Jorge e Associação Cultural Casa da Esquina), Encontro de Mulheres do Porto (Patrícia Almeida e A Coletiva). À Carol Bampa, que esteve à frente da Banca Paisagem para a exposição final “Mulher(es) de Borracha”.

Aos impressores da zine e dos cartazes “Mulher(es) de Borracha”: Nayara (Animal Sentimental) e Rodrigo, muito obrigada pela paciência e disponibilidade. À minha editora Sapatapress, na figura da Cecília Silveira, pelo apoio incondicional nesse projeto e em outros. Colegas de mesa e de trabalho em feiras e oficinas – Solveig e Arthur (Coletivo Bichofoe) e Walter Almeida (Casa Azul).

Por fim, mas não menos importantes: a todas as pessoas que participaram das oficinas “Mulher(es) de Borracha”. Muito obrigada por desenharem comigo, construírem e somarem à representação das mulheres no desenho (na sua diversidade maravilhosa, em seu espectro tão amplo). Sou imensamente grata por fazerem parte da partilha de conhecimento e experimentação gráfica, e uma grande fã de todos os desenhos que me foram emprestados para este projeto.

Declaração de Autenticidade

Declaro que o presente trabalho/tese/dissertação/relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

A handwritten signature in black ink, reading 'Gabriela Ribeiro César'. The script is cursive and fluid, with the first letters of each word being capitalized and slightly larger.

Gabriela Ribeiro César, Porto, Setembro 2018

Resumo

O projeto de investigação “Mulher(es) de Borracha: Oficina de Carimbos e Zine Colaborativa Enquanto Espaço de Diálogo entre o Desenho e a Representação Feminina” explora algumas possibilidades da representação da Mulher no contexto de oficinas de desenho. Com o intuito de problematizar o espectro mais convencional do desenho de mulheres foi proposto a um conjunto de participantes a construção de carimbos para desenhar e pesquisar o(s) conceito(s) aliados à ideia de Mulher(es) no início do século XXI.

As oficinas de desenho através de carimbos “Mulher(es) de Borracha” foram realizadas em espaços informais, integrados nos circuitos de publicações independentes, nas cidades do Porto e de Coimbra, entre dezembro de 2017 e março de 2018. A produção imagética surgida foi posteriormente editada em Zines colaborativas e re-integrada no circuito de publicações independentes.

As estratégias criativas e as estratégias “faça-você-mesmo” que sustentaram as tarefas oficiais incidiram sobre a participação ativa dos/as “desenhadores/as”. Estes tanto puderam explorar as suas qualidades criativas como empenhar-se numa reflexão sobre preceitos anacrónicos e mais atuais relacionados ao género feminino. As Zines, que organizam e documentam os desenhos realizados, permitem conhecer as reflexões dos/as participantes sobre noções tão fundamentais como diversidade, identidade e liberdade.

Palavras Chave

Representação, Desenho da Mulher, “Faça-você-mesmo”, Zine Colaborativa, Oficinas criativas em espaços informais.

Abstract

The research project “Women Made of Rubber: Stamp Workshop and Collaborative Zine as a Dialogue Space between Drawing and the Female Representation” explores some possibilities of representing women in the context of drawing workshops. In order to question a more conventional spectrum of women’s portrayal, a set of participants was asked to construct stamps with rubber erasers. By doing so, they are also participating in the study of the concept(s) allied to the idea of Women at the beginning of the 21st century.

The “Women Made of Rubber” drawing workshops were held in informal spaces, integrated in the circuits of independent publications in the cities of Porto and Coimbra, between December 2017 and March 2018. The imagery production that emerged was later edited in collaborative Zines and re-integrated into the circuit of independent publications.

The creative and “do-it-yourself” strategies that were held in the workshops’ tasks focused on the active involvement of the participants. They were both able to explore and share their creative skills and engage in reflection on anachronistic and more current notions related to the female gender. The Zines, which organize and document the drawings, allow us to get to know the participants’ reflections about fundamental notions such as diversity, identity and freedom.

Key words

Representation, Women In Drawing, Do-It-Yourself (DIY), Collaborative Zine, Creative Workshops in Informal Spaces.

Nota às Traduções

As traduções de citações diretas foram realizadas pela autora. Em notas de rodapé encontrar-se-ão as versões em língua original para apreciação dos/as leitores/as. Trata-se de tradução livre, realizada com o intuito de manter o máximo de palavras deste trabalho na língua portuguesa.

Introdução

A componente escrita do projeto de investigação “Mulher(es) de Borracha: Oficina de Carimbos e Zine Colaborativa Enquanto Espaço de Diálogo entre o Desenho e a Representação Feminina” no âmbito do programa de Mestrado em Desenho e Técnicas de Impressão da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, descreve o supracitado projeto enquanto execução de oficinas criativas e elaboração das suas zines colaborativas.

A investigação “Mulher(es) de Borracha” é uma pesquisa baseada em práticas artísticas colaborativas a partir de um ponto de vista feminista sobre a representação gráfica da mulher. A questão motivadora da pesquisa foi a **exploração e a celebração das diferentes maneiras possíveis de desenhar e representar a mulher**. Para que isto não ficasse cercado apenas pela minha visão pessoal das formas que essa representação pode expressar, esse projeto se desenvolveu de maneira participativa e colaborativa.

A partir da postulação “**O que, num desenho de uma mulher, define que ela é uma mulher?**” em espaço oficial, os/as participantes presentes realizaram desenhos com o auxílio de carimbos de borracha. Nas zines colaborativas com o resultado dessas oficinas houve, durante processo de edição, deliberado interesse autoral em tornar as publicações objetos criativos híbridos entre desenhadores/as e a editora.

A componente escrita divide-se em:

- » **Contextualização da Pesquisa**, em que são levantados precedentes teóricos e práticos a partir dos quais foi possível estruturar o guião das oficinas. Também é neste capítulo que se estabelece o vínculo do pensamento feminista por trás das práticas artísticas, e a sua relevância para o atual projeto.
- » **Oficinas de Desenho “Mulher(es) de Borracha”**, em que são apresentadas as oficinas realizadas, os desenhos resultantes, e características dos/as participantes.
- » **Zine Colaborativa “Mulher(es) de Borracha”**, em que é apresentado o processo de paginação e justificadas as escolhas editoriais e gráficas na edição das zines.
- » **Exposição “Mulher(es) de Borracha”**, em que é apresentado o planeamento da execução documental relativa às oficinas e zines homônimas.

O campo de atuação do projeto vai desde a utilização de práticas pedagógicas feministas em espaços de aprendizagem (Hassler, 2017; hooks, 1994; Pollock, 2010) até a possibilidades do uso das zines como ferramenta e espaço de debate (Duncombe, 2008).

Contextualização da Pesquisa

A escolha da questão de trabalho

Uma contextualização importante da seguinte componente escrita é a maneira com que foi estruturado o pensamento por trás da necessidade de haver oficinas para debater e experimentar a forma gráfica do sujeito “mulher”. Neste capítulo, são esclarecidos os conceitos principais em torno da problematização da representação gráfica da mulher. Também são apresentadas as estratégias de planejamento por trás da organização das oficinas.

Primeiramente, não é à toa e nem apolítica a decisão de que o objeto de estudo das oficinas fosse formalmente e ideologicamente a representação visual de uma mulher. A princípio, considerei a proposta de manter a oficina exclusiva para a participação de pessoas que se autoidentificam com o gênero feminino¹. Esta primeira proposta teve alguns enfrentamentos teóricos, e poderia mesmo fazer com que o trabalho ficasse demasiado fechado em si próprio. Por compreender que a feminilidade e a masculinidade são construções sociais (Marsh, 2015) e para que fosse possível celebrar as diferenças nas maneiras de contruir o feminino (mesmo que isso seja restrito ao mundo do desenho), optei por uma oficina aberta a todas as pessoas que se inscreveram. O único fator realmente limitante ao número de inscritos/as foi a quantidade de material para a realização oficina. Assim, como será visto em capítulo posterior sobre a realização das oficinas, o recorte de participantes partiu de uma limitação do interesse demonstrado pelas pessoas no tema em si.

As práticas artísticas coletivas fazem parte de uma eleição dentro do movimento feminista de modo a subjugar as estruturas do mundo da arte (conforme Marsh, 2015), criando uma ordem e uma prática que se distanciam da organização hierárquica e valorizam as diferenças. A tentativa de unificar o que é a feminilidade é apontada por Anne Marsh (2015) como uma aceitação de um sistema que reafirma as diferenças entre homens e mulheres, em vez de celebrar as diferentes maneiras de ser

¹ A proposta do espaço oficial não deve excluir mulheres trans e travestis/crossdressers enquanto representantes do guarda-chuva da feminilidade. Considera-se para o presente trabalho o gênero como uma característica autodeclarada.

(e representar) uma mulher. Sobre a repetição e manutenção especificamente de um *status quo* já estabelecido, principalmente dentro de um regime capitalista neoliberal (como é o caso do Brasil e de Portugal), pode-se citar Suely Rolnik (2017) – é preciso tentar agir de maneira a não reproduzir o mesmo sistema de opressão sistemática ao qual se está submetido. Isso, transposto para o trabalho vigente, significa manter a representação da mulher **acessível, aberta a questionamentos e flexível** para as mais variadas interpretações que os/as participantes possam ter.

Sob a desculpa de “empoderamento” e “inclusão”, muitas vezes é replicado o *modus operandi* do capitalismo neoliberal de apropriação de discursos a partir da dominação da subjetividade daquele grupo que se quer proclamar “incluído” e “empoderado”. O feminismo interseccional tem dado sinais de alerta contra isso há bastante tempo. Angela Davis (2017), por exemplo, recusa a ideia da existência de uma “feminilidade abstrata que sofre o sexismo de uma maneira abstrata e que luta contra ele em um contexto histórico abstrato” (Davis, 2017, p. 26). Não se trata de ser porta-voz de diferentes mulheres ao mesmo tempo, e sim de reconhecer que existe **um coletivo de trabalhos femininos** que precisa vir à tona. Desta maneira, é possível que ocorra justamente o contrário: diversos grupos possam encontrar um fator que **celebre as diferentes identidades**.

Entretanto, a mulher como sujeito na arte não é nenhuma novidade ou exceção. Ainda que sejam minoria em artistas com obras presentes em exposições e em galerias (confome aponta Jerry Salz, 2015), não deixam de aparecer em retratos, de modo a “idealizar mas não obstante confirmar o seu *status social* de segunda classe” (Women’s Workshop of the Artist’s Union, 2015, p. 68)².

Por onde começar uma investigação sobre a representação da mulher de modo a celebrar as diferentes maneiras de ser mulher, e a diferir da mera fetichização da figura feminina? Hassler (2017) cita, para além do trabalho do coletivo artístico *Guerrilla Girls* (1985-), outras pesquisas no âmbito da Associação de Diretores de Museus de Arte (AAMD, no original: “Association of Art Museums Directors”) que comprovam que as mulheres não são minoria apenas na lista de artistas com trabalhos em exibição, mas também um menor número em posições de direção de museus nos Estados Unidos. Muito embora esse número tenha saltado de 32% para 42% de 2005 para 2014, elas ainda dirigem as instituições com os menores orçamentos. Katrin Hassler (2017) aponta a necessidade de os estudos se tornarem mais interdisciplinares em face ao desafio de analisar a participação ativa das mulheres no ambiente das artes. Para a autora, além da insuficiência de dados estatísticos, é necessário também obter estatísticas internacionais para que seja

2 No original: “As woman artists working with a male-dominated culture we face the following contradiction: the notable absence of women in history as practicing artists and their overwhelming presence as subject matters, portrayed in a way which often idealizes but nevertheless confirms their second-class social status”. (Women’s Workshop of the Artist’s Union, 2015, p. 68)

possível considerar a discriminação de gênero como um fator que opera verticalmente. Embora haja um debate globalizado sobre a indústria e a economia criativa, é necessário levar em conta aspectos de gênero para de facto conseguir delinear como operam essas instituições. A própria Katrin Hassler (2017) menciona que, na sua pesquisa de PhD, propôs-se a analisar por grupos a participação feminina em termos de artistas, diretoras e galeristas em relação às listas publicadas no site <Artfacts.Net>, pela lista *Kunstkompass* e pela publicação *Artinvestor*. Além da crítica de como são construídas tais listas, Hassler (2017) aponta padrões de desigualdade observados em todos os setores estudados, seja entre artistas, diretoras de museus ou galeristas. Entre as três categorias, as galerias são as que estão em melhores condições de igualdade, muito embora o número de mulheres galeristas seja inferior a 50%. Hassler (2017) registra, entretanto, que a desigualdade de gênero entre artistas em exibição ou que fazem parte de coleções é menor em museus e galerias dirigidas por mulheres.

No caso desta investigação em particular, escolheu-se a representação do feminino para tentar compreender **o que é ser uma mulher**, em termos visuais, para cada participante das oficinas. A exemplo de Miriam Schapiro (1972), foi iminente ter como princípio o que está mais próximo de cada pessoa. No caso do projeto de Schapiro (1972) foi a casa – espaço cultural e tradicionalmente delegado à porção feminina da população. O uso ou não da figuração corpórea, entretanto, será explorado conforme a vontade de cada participante, não sendo limitado o conceito de mulher à personificação de sua biologia e/ou de seu corpo. É justamente na amplitude de escolhas possíveis que reside o interesse na investigação de como se desenha aquilo que se compreende como o feminino.

A partir da prática artística e oficial, a presente investigação explora as possibilidades representativas da figura da mulher a partir de uma perspectiva relacionada ao pensamento feminista. A título de exemplo, pode-se citar o envolvimento de outras artistas e curadoras/teóricas de arte. No artigo “Contemporary Feminism: Art Practice, Theory, and Activism — An Intergenerational Perspective”, Mira Schor reuniu textos de artistas acerca da influência do feminismo nas suas práticas artísticas (Schor *et al.*, 1999). Seus relatos pessoais sobre a influência do feminismo em seus trabalhos artísticos e em sua carreira acadêmica (e como/quando/onde isso aconteceu), foram organizados em forma de artigo e publicados na 58ª edição do *Art Journal*. Dentre esses depoimentos, muitos deles confrontando os diferentes pensamentos de quem participou das duas primeiras ondas do feminismo e das alternativas possíveis para depois da terceira, é preciso apontar que os

diálogos intergeracionais são cada vez mais importantes. Susan Bee, por exemplo, faz referência à função esclarecedora e educativa do feminismo: “O feminismo foi e ainda é um movimento que nos abre os olhos”³ (Schor *et al.*, 1999, p. 11). Susan também destaca a importância de espaços como a galeria A.I. R., que só trabalha com trabalhos de mulheres. Para ela, é importante que haja espaços e redes de contacto que fortaleçam os trabalhos de mulheres, mesmo que muitas artistas da geração mais jovem tenham receio em se assumirem feministas por medo de não serem incluídas no mercado *mainstream* da arte por conta disso.

3 No original: “Feminism was an eye-opener and still is.” (Schor *et al.*, 1999, p. 11)

Johanna Drucker (Schor *et al.*, 1999, p. 13-15), aponta que, para si, o maior êxito do feminismo dentro da prática artística foi a diferenciação entre o que é ser uma artista e mulher e a não-obrigatoriedade de se fixar nas reivindicações feministas com o próprio trabalho. Muito embora Drucker (Schor *et al.*, 1999) se preocupe com o apagamento da história da luta feminista, principalmente por seus/suas estudantes mais novos/as, ela também pontua que muito disso ocorre porque esses/as jovens ainda transitam muito dentro do limite das estruturas patriarcais e espaços cujo acesso já tenha sido conquistado por movimentos de movimentos dos direitos civis. Entretanto, parece ser necessário re-conceituar o feminismo não por uma dívida entre gerações, mas pela comprovação de que a igualdade de gêneros é algo que beneficia toda a gente por igual. Sobre esse ponto, María Fernández (*idem*, p. 15-17) acrescenta ainda que as teorias de comunicação que enaltecem as características da “aldeia global *online*” como uma rede de sororidade pecam em reconhecer as diferentes vozes (e níveis de informatização) das muitas realidades femininas existentes no mundo. A noção de “mulher universal”, explica Fernández (*idem*, p. 16), já havia sido questionada pelas mulheres negras que não se sentiam completamente representadas por essa visão reducionista.

Estratégias para as oficinas Mulher(es) de Borracha

Uma especificidade importante no método do trabalho – ou seja, **por quem** seria abordada a questão da representação da mulher – diz respeito ao uso do espaço oficial fora de instituições para realizar os desenhos, carimbos e zines que trataram dessa questão. Portanto, contextualizo a seguir o que podem ser práticas e pedagogias feministas em contextos de aprendizagem, e o porquê da escolha de espaços informais de troca de conhecimento.

Na década de 1990, Griselda Pollock inaugura em Leeds (Reino Unido) um programa de mestrado sobre Feminismo e Artes Visuais — o curso teve duração até 2003. Pollock (2010) narra a sua

experiência como professora e coordenadora do curso em artigo para a revista *n. paradoxo* n. 26, especialmente dedicada ao tema das **Pedagogias Feministas**. Como características do curso, Pollock (2010) enumera a necessidade de criar um espaço de aprendizagem que fosse transdisciplinar, eliminando ou ao menos diminuindo as fronteiras entre artistas, curadores, teóricos e críticos da arte. Outra questão explorada foi deixar que práticas artísticas e teorias da arte fossem disciplinas complementares, e não antagonistas entre si. Assim, Pollock (2010) pretendeu instigar que os/as estudantes refletissem também sobre o sexismo “social, económico, intelectual, hierárquico e institucional”⁴ (Pollock, 2010, p. 23) que inibiam o acesso e progresso femininos dentro da educação formal. Os/as estudantes foram estimulados a criar de acordo com as interseccionalidades das lutas que cada um abarcava, em vez de silenciá-las ou tentar compor um trabalho homogêneo apenas por frequentarem e/ou exporem seus trabalhos finais nas mesmas condições.

4 No original: “This involved thinking through the social, economic, intellectual, hierarchical and institutional sexism” (Pollock, 2010, p. 23)

A partir do segundo ano de existência do curso, Pollock (2010) cita como influências Paulo Freire e bell hooks, por serem capazes de despertar o sentido de igualdade entre alunos e professores e por alertar para o quão revolucionária é a tarefa de ensinar. Um dos maiores desafios enfrentados por Pollock (2010) em sala de aula foi fazer com que os/as alunos/as falassem sobre a sua própria iniciação com as práticas e teorias feministas. A troca de conhecimentos e experiências a partir do ponto de vista dos/as próprios/as estudantes tornou possível perceber como era necessária e talvez até mesmo emancipativa a narrativa a partir da primeira pessoa. Esta prática também possibilitou desafiar em sala de aula os limites entre as esferas públicas e privada e o “questionamento feminista das hierarquias de conhecimento”⁵ (Pollock, 2010, p. 24). Ainda sobre o exemplo de pedir aos/as estudantes que falassem sobre as próprias vivências diante de alguns tópicos, ficou nítido como a dificuldade de autorrepresentação da mulher também é demonstrada pela dificuldade que as alunas encontraram em compartilhar suas próprias histórias. Principalmente, exemplifica Pollock (2010), para formar um discurso que levasse em conta não apenas o seu gênero, mas também a sua classe, orientação sexual, etnia etc. O ensino em uma sala de aula feminista implica também a demonstração e reconhecimento das hierarquias intrínsecas ao processo de aprendizagem. O papel dos/as educadores/as, para Pollock (2010), é de compartilhar a sua jornada e facilitar o conhecimento, mas sempre com doses de autocritica e a respeitar a sua própria criatividade.

5 No original: “But in time, participating in the process revealed something else: that the feminist questioning of the hierarchies of knowledge (...) was fundamental, necessary and ultimately emancipatory.” (Pollock, 2010, p. 24)

A própria bell hooks (1994), na sua prática como professora, utilizou bastante a sua perspectiva passada como aluna para

desenvolver os métodos pelos quais iria interagir com os/as estudantes. Um dos apontamentos de hooks (1994) em *Teaching to Transgress* é de que os/as alunos/as deveriam ser compreendidos também em suas particularidades como estudantes, flexibilizando e alterando a agenda de ensino. Um dos métodos praticado pela autora é o seu interesse em manter a classe engajada nas aulas, tornando-as um possível lugar de excitação e divertimento. Para a autora, esse tipo de estimulação não anula a seriedade e o engajamento intelectual com o questionamento e com os assuntos acadêmicos. Para gerar esse interesse genuíno em criar um ambiente que engaje os/as alunos/as, hooks (1994) sugere que se valorize a presença e a contribuição de cada estudante em sala de aula. As contribuições estudantis são recursos fundamentais da aprendizagem, tanto quanto os do/a professor/a (hooks, 1994).

Outra afirmação importante de hooks (1994) é que a sala de aula deve ser vista como um local em que se cria um senso comunitário em direção a um aprendizado. Entretanto, transgredir a barreira de uma sala de aula convencional pode incomodar alguns estudantes a ponto de não quererem livrar-se do comodismo de um espaço tradicional de estudo e ensino. Por isso, a autora afirma que a responsabilidade sobre o ensino não é somente do professor, e depende também do quão aberto a novas práticas pedagógicas se encontram os/as estudantes em questão. Nisso, o ato de ensinar assemelha-se à performance. Ao assimilar o “aspeto performativo do ensino” (hooks, 1994, p. 11), os/as professores/as devem se preocupar com questões como a reciprocidade e o esforço em adaptar a sua linguagem ao contexto específico do ensino (*idem*, p. 11.)⁶. O maior ponto de convergência entre as duas práticas, para hooks (*idem*), é a possibilidade de ambos servirem como catálise para as pessoas envolvidas. Em ambos casos, a autora enfatiza o empenho do/a professor/a (do/a *performer*) em se comunicar de maneira a respeitar a diversidade presente e de criar um diálogo que reflita o contexto em que se encontra.

Um problema para o qual hooks (1994) chama a atenção é para que o processo educativo seja uma prática libertária (em oposição a uma obrigação coercitiva)⁷. Isso envolve também que os/as professores/as aprendam e cresçam com as situações geradas. Este crescimento mútuo é impossível sem que o/a educador/a solidarize com a posição de relativa vulnerabilidade dos estudantes. Ainda assim, é imperativo encorajar os/as alunos/as a compartilhar suas próprias narrativas, e a lidarem com o risco de compartilharem algo de si. A própria hooks (1994) salienta que, em sua experiência como professora, “não espero que estudantes tomem qualquer risco que eu não tomaria, que compartilhem algo de maneira que eu não compartilharia” (*idem*, p. 21)⁸.

6 No original: “(...) to use language in ways that speak to specific contexts,” (hooks, 1994, p. 11).

7 hooks (1994) define educação libertária como a que “não reflete preconceitos ou reforça sistemas de dominação” (p. 21, no original: “it does not reflect biases or reinforce systems of domination”).

8 No original: “In my classrooms, I do not expect students to take any risks that I would not take, to share in any way that I would not share”. (hooks, 1994, p. 21)

Para contextualizar brevemente a obra de Paulo Freire como citada por hooks (1994) e Pollock (2010), vale lembrar a ideia de Freire de que a escuta ativa é uma ferramenta essencial para o/a educador/a. Para Freire (2002), escutar com interesse e atenção aos educandos tem como função transformar o discurso desse primeiro em uma fala *para* os alunos em uma fala *com* os alunos. Prestar atenção às realidades dos/as alunos/as, e querer saber de suas experiências não por demanda, mas por gosto da partilha, é uma das maneiras de tornar a sala de aula um espaço mais horizontal. Também aumenta, em quem aprende, a sensação de pertencimento em sala de aula e na construção da própria História, em vez de serem sujeitos passivos dessa. Quando os educadores se propõem a ouvir os/as alunos/as, viram parte importante na sua jornada para se tornar um libertador e democrático em vez de um agente silenciador e domesticador (Freire, 2002). Para o autor, sem os devidos tempos necessários de fala e escuta, não há de facto comunicação em sala de aula. É apenas com o respeito ao tempo de escuta que os/as estudantes têm espaço o suficiente para treinarem e estabelecerem seus pensamentos em forma de linguagem. É papel do/a educador/a, portanto, “provocar o educando no sentido de que prepare ou refine a sua curiosidade, (...) com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo(...)” (*idem*, p. 45). Ou seja: o ato educativo transpõe a mera transmissão de conteúdo, e depende do empenho crítico das duas partes (educador x educando) para desenredar o fio condutor do conhecimento.

A capacidade de escutar faz parte do que Freire (2002) denomina como “aceitar e respeitar” (*idem*, p. 45) as diferenças dentro de uma sala de aula. Ainda que a resposta e o discurso dos educandos não sejam de acordo com uma gramática normativa vigente (ou, de maneira mais geral, com as normas da linguagem a ser adquirida), o/a educador/a deve partir sempre do princípio que sua posição não faz de si uma pessoa superior. Não implica que o/a professor/a irá concordar com aquilo que é posto por seus/as alunos/as em sala de aula. Afinal, faz parte do processo educativo instigar nos educandos/as uma maneira mais crítica de se confrontar com o mundo.

Por fim, e para justificar o meu uso da denominação do **mediadora** quando se tratar de meu papel como a responsável pelas oficinas “Mulher(es) de Borracha”, vale recorrer à definição da palavra **mediação** por André Desvallées e François Mairesse (2013): a pessoa que intercede entre o público e o museu. No contexto museal, a palavra é utilizada principalmente para designar o ato de se interpor entre um grupo de pessoas e um conteúdo cultural. O objetivo deste encontro é obter meios do público se apropriar dos elementos da cultura ou pelo menos reduzir a distância entre esses dois agentes. Em termos jurídicos, o mediador é responsável pela

reconciliação. No ambiente museal e/ou educativo, poder-se-ia dizer que é quase assim, dependendo do juízo prévio dos sujeitos sobre aquilo a que são expostos. A figura do mediador é de pessoa responsável por atividades muitas vezes de cunho pedagógico que tenham como finalidade estabelecer um contacto com um artefacto cultural. Também deve auxiliar com que cada pessoa estabeleça uma melhor compreensão de si e do mundo a partir daquela interação (Desvallées & Mairesse, 2013).

Uso oficial de desenhos feitos a partir de carimbos

A utilização de carimbos feitos de borracha escolar advém de um projeto anterior de uma atividade oficial que planeei em 2017. Para a oficina “O Desenho do Corpo da Mulher – Para que (me) serve?”, realizada no âmbito do Festival Feminista do Porto de 2017⁹, criei 12 cadernos de desenho para os/as participantes utilizarem. Na capa desses cadernos (Figura 1), realizei um estudo de desenhos possíveis para o corpo da mulher. Para isso, utilizei-me de uma mesma combinação de carimbos feitos a partir de borrachas escolares. A produção desses desenhos foi um dos fatores primordiais que desencadearam as questões da pesquisa “Mulher(es) de Borracha”. Afinal, a problematização da dificuldade que me deparei ao representar uma mulher acabou por gerar uma investigação em si.

⁹ A programação da oficina pode ser vista em: <<https://festivalfeministadoporto.pt/2017/o-desenho-do-corpo-da-mulher-para-que-me-serve/>>.



Figura 1

Capa dos cadernos da oficina “O Desenho do Corpo da Mulher – Para que (me) serve?”, ministrada por Gabriela César no Festival Feminista do Porto de 2017 no Espaço Associativo Contrabando (Porto).

Também saliento o uso do mesmo material pelos artistas e educadores brasileiros Fernando Vilela (n. 1973-) e Walter Almeida (n. 1961-) como formas de ilustração e de educação

de jovens. Fernando Vilela foi um dos professores do curso “A ilustração na literatura infantil e juvenil”¹⁰, do qual participei como aluna e no qual Vilela apresentou o processo criativo de seu livro *Lampião & Lancelote* (Editora Pequena Zahar, 2016)¹¹. Para criar as imagens do livro, Vilela utilizou-se de borrachas escolares, tinta de carimbo e ferramentas de corte de gravura (goivas, facas etc.), além da manipulação digital dos desenhos resultantes. Em entrevista para o canal de vídeos da revista *Crescer*¹², o artista e ilustrador demonstra a mesma técnica (Figuras 2, 3 e 4) usada para o livro *OLEMAC E MELÔ – O encontro de um camelo e um camelo* (Editora Companhia das Letrinhas, 2007)¹³.



- 10 Curso de 28 horas ministrado por meio da Universidade do Livro/Unesp em 2012. Mais informações em: <<http://editoraunesp.com.br/unil/a-ilustracao-na-literatura-infantil-e-juvenil-07-05-2012>>.
- 11 Mais informações sobre a obra no *website* da Editora Zahar: <<https://zahar.com.br/livro/lampiao-lancelote>>.
- 12 Entrevista disponível em: Revista Crescer: <<https://www.youtube.com/watch?v=32PMKUQ14Fk>>. Vídeo publicado em nov. 2008.
- 13 Mais informações sobre a obra no *website* da Editora Companhia das Letras: <<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=40440>>.

Figuras 2, 3 e 4

Fernando Vilela demonstra o uso de carimbos escolares para a realização de ilustrações do seu livro *OLEMAC E MELÔ – O encontro de um camelo e um camelo* (Editora Companhia das Letrinhas, 2007).

Em contexto oficial, a partir de seus projetos **Casa Azul** e **Chapa Azul**, Walter Almeida utiliza de técnicas de gravura e carimbos com crianças e jovens para aproximá-los do mundo da criação e reprodução de imagens. A Casa Azul é um espaço oficial com morada fixa na cidade do Porto e participa de diversos eventos educativos, sendo a Chapa Azul sua versão “móvel/itinerante”¹⁴. Walter experimenta as possibilidades criativas a partir da criação de carimbos de espuma EVA e borracha escolar (**Figura 5**) com alunos em ambiente escolar ou em oficinas temporárias montadas em feiras de publicações. É nesse último contexto também que Walter teve contacto com o projeto “Mulher(es) de Borracha”, trocando informações valiosas comigo acerca de materiais utilizados (tipos de borrachas mais adequados e acessíveis etc.).

14 Para mais informações sobre as participações da Chapa Azul em eventos, é possível verificar a agenda do projeto em <<https://www.facebook.com/chapazul/>>.

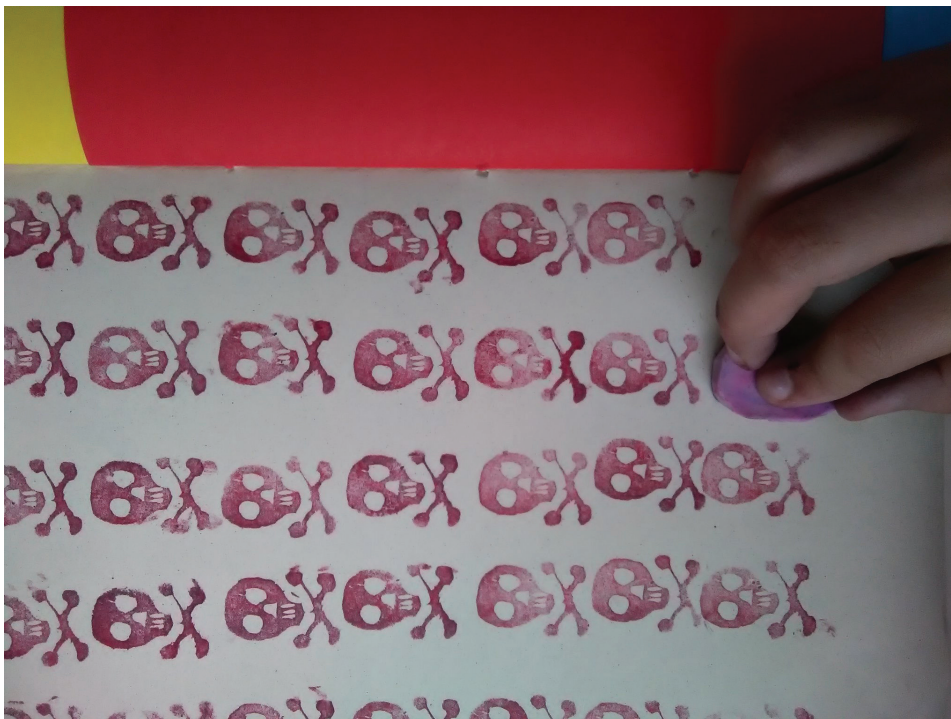


Figura 5
Imagens de oficinas realizadas por Walter Almeida (Casa Azul/Chapa Azul) utilizando-se de carimbos feitos a partir de borracha escolar.

Oficinas de Desenho

“Mulher(es) de Borracha”

O presente capítulo trata do planeamento e execução das três oficinas de desenho “Mulher(es) de Borracha” e da análise dos desenhos resultantes. Também aponta os percursos metodológicos da elaboração da oficina e eventuais mudanças na questão central (quando se fizeram necessárias), uso de materiais etc. São apresentados os perfis dos/as participantes suas interações entre si e com a proposta criativa. Ao final do capítulo, é apresentada uma análise dos desenhos resultantes, agrupados conforme suas características em comum.

Índice interno

Materialização dos resultados das oficinas	3
Comunicação e divulgação das oficinas	5
Formulário de Inscrição	9
Oficina Piloto.....	10
ZineFest, Porto	13
Casa da Esquina, Coimbra	14
Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam	17
Análise dos Desenhos Realizados	18

As oficinas de desenho “Mulher(es) de Borracha” incidiram sobre a representação da mulher. Cada iteração da oficina teve como proposta publicar uma zine colaborativa com os trabalhos dos/as participantes. A partir da criação de carimbos feitos de borracha escolar, os/as participantes construíram as partes que formam a representação do feminino, inventando e reinventando as partes que constituem uma mulher. No término da fase de elaboração dos carimbos, cada pessoa criou para a zine:

- » uma representação de mulher com os carimbos feitos (e/ou empestando carimbos dos colegas) e um texto com uma pequena biografia da mulher representada (FASE 1, oficinas realizadas no ZineFest-PT);
- » um desenho e um texto de modo a justificar o porquê da escolha daquela representação gráfica para a mulher (FASE 2, oficina em Coimbra/Casa da Esquina e no Porto/Encontro de Mulheres Todas As Vozes Contam).

Foram escolhidos espaços não-institucionais para a realização das oficinas a fim de facilitar a organização do evento. Os espaços selecionados relacionam-se com a produção de zines¹⁵ ou com a discussão e produção de cultura pela óptica feminista¹⁶. A escolha desses eventos teve como intenção manter a produção oficial junto ao público-alvo das zines que foram produzidas. Todos/as os/as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ([Anexo 1](#)) para utilização de seus desenhos na publicação das zines e nesta componente escrita da pesquisa.

15 As duas primeiras oficinas foram realizadas no ZineFest-PT e a terceira na apresentação da editora Sapatapress à 3ª Mostra Internacional de Banda Desenhada (BD) de Coimbra.

16 A última oficina foi realizada no âmbito do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, no Porto.

A oficina “Mulher(es) de Borracha” participou no:

- » **ZineFest-PT**, uma feira de publicações, oficinas, conversas, exposições de zines e de ilustrações. Em 2017 organizou-se a terceira edição do evento, que existe em um panorama alargado de um circuito mundial de eventos relacionados à auto-edição ou micro-edição, especialmente ligados à cultura DIY (“Do It Yourself”/“Faça Você Mesmo”).
Website: <<https://zinefestpt.wordpress.com>>.
- » **Casa da Esquina**, um espaço em Coimbra com experiências anteriores em sediar oficinas e exposições de desenho. Já foi sede de eventos com foco sobre o debate feminista, para além de ter um espaço físico para a venda de zines e publicações independentes.
Website: <<http://nacasadaesquina.blogspot.com>>.
- » **Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam**, um encontro pontual organizado pelo coletivo feminista “A Coletiva”.

O grupo independente, radicado na cidade do Porto, objetiva organizar debates e eventos feministas recorrentes, principalmente após a Greve das Mulheres (2018). Um dos propósitos da organização com o “Encontro” foi permitir o acontecimento de oficinas para o diálogo criativo entre mulheres. As principais pautas do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam” estão em seu Manifesto ([Anexo 2](#)). Website: <https://www.esquerda.net/artigo/encontro-de-mulheres-todas-vozes-contam/53481>

Materialização dos resultados das oficinas

Os/as participantes que cederam seus trabalhos para a zine receberam em sua morada duas impressões da publicação como agradecimento pela sua participação. O custo de ajuda pedido ao início de cada oficina (ver [Tabela 1](#)) foi utilizado para o envio e impressão das zines. Cada oficina foi realizada a partir de um conjunto de materiais, nomeadamente: rolo de papel branco¹⁷ (ver [Figura 6](#)), papel A3 ofício na cor rosa-claro (210 × 297 mm, Claire Fontaine, 80g, pastel rose) para realização dos desenhos finais, borrachas de látex natural (Mercur) e sintético (ver [Figura 7](#)), lápis de grafite preto (Staedler 6B), X-ato, goiva de gravura em madeira/linóleo em formato “U” e em formato “V” e almofadas de carimbo na cor azul (Horse, cor nº 1).

17 Papel branco em rolo (dimensões 57mm × 70mm × 48m), geralmente utilizado em caixa registradora e aparelhos multibanco. Escolhi esse papel pela facilidade de transporte e por ter uma altura próxima das borrachas e dos carimbos. Assim, os/as participantes puderam testar livremente os carimbos antes de realizar o desenho final. Exemplo: <<https://www.staples.pt/staples-rolo-staples-57x70x11-10-unidades/cbs/708695.html>>.

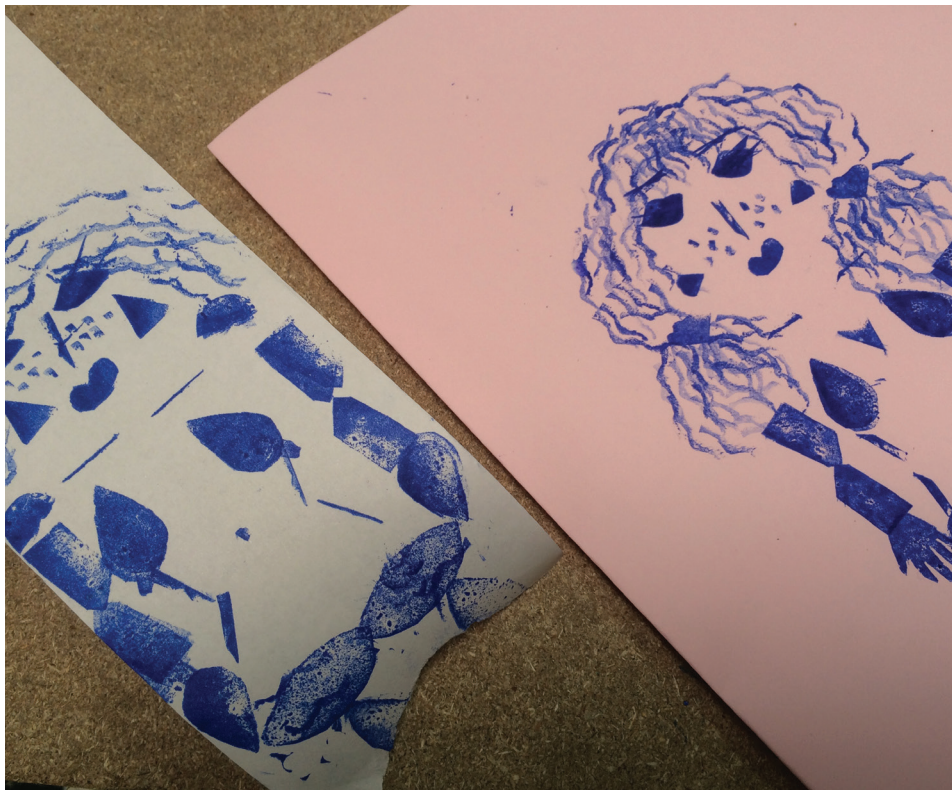


Figura 6
Papel de testes e desenho final de aluna da Escola Artística Árvore no primeiro dia da oficina “Mulher(es) de Borracha” no ZineFest-PT. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro, Escola Artística Árvore.



Figura 7
Goivas, x-ato, lápis, tinta para carimbo e borrachas utilizados na oficina do primeiro dia do ZineFest-PT com alunos/as da Escola Artística Árvore. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro, Escola Artística Árvore.

Tabela 1
Oficinas “Mulher(es) de Borracha”, visão geral.

	Organização e local de realização	Custo de inscrição ¹⁸	Data e duração	Nº de participantes	Média de idade (anos)	Género auto-declarado
FASE 1	OFICINA PILOTO	3,5 €	30.11.2017 9h às 13h	12	15-16	2 H 10 M
	ZineFest-PT Centro Comercial Cedofeita, Porto	5 €	3.12.2017 10h às 12h	8 adultos + 1 criança (7 anos)	40	1 H 7 M
FASE 2	Casa da Esquina, Coimbra	3,5 €	8.03.2018 15h30 às 17h30	12	41	1 H 10 M 1 não declarou
FASE 2	Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam, Escola Artística Soares dos Reis, Porto	5 €	10. 03. 2018 11h15 às 13	7 adultos + 1 criança (≤7 anos)	36	7 M
TOTAL			8h45m	39 adultos + 2 crianças	33 anos	4 H / 34 M 1 não declarou

¹⁸ Para os eventos em que houve ajuda de custo para deslocamento ou eventos associados a escolas (como no caso do primeiro dia de oficina no ZineFest-PT) o valor cobrado foi o menor possível.

Comunicação e divulgação das oficinas

As inscrições das oficinas ocorreram *online* para facilitar o preenchimento do formulário de contacto (ver “Quadro 1”, p. 9). Sua comunicação foi feita com cartazes impressos (ver Figura 8) e afixados na cidade do Porto. Os sítios foram escolhidos por proximidade da Faculdade de Belas Artes (incluindo dentro da própria faculdade, nos murais destinados aos alunos), como o café Duas de Letra e o quiosque “Worst Tours”. Também foram afixados cartazes próximos do local de realização do ZineFest-PT: dois cartazes foram deixados no Centro Comercial de Cedofeita.



Figura 8

Cartaz impresso: impressão a laser sobre papel rosa (Claire Fontaine A4, 210 × 297 mm, 80g) para divulgação da oficina “Mulher(es) de Borracha” realizada no ZineFest-PT.

Os eventos em que a oficina esteve presente (ZineFest-PT, “Encontro de Mulheres” [ver [Figuras 9 a 11](#)]) também a incluíram no seu programa impresso, com exceção da 3ª Mostra Internacional de Banda Desenhada de Coimbra. Por ser uma atividade paralela à Mostra, derivada da apresentação da editora Sapatapress¹⁹, a divulgação da oficina realizada na Casa da Esquina/Coimbra constou apenas nas mídias sociais (**Facebook** e **Instagram**) e em cartaz impresso junto à própria Casa da Esquina. Apesar disso, essa última foi a oficina com maior número de participantes.

¹⁹ A editora Sapatapress fez parte da programação do evento com o lançamento da minha zine *Deixe-me Entrar*. Ver relato completo no item “Casa da Esquina, Coimbra”, p. 14.



Figura 9

Mesa de credenciação do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, local onde esteve disponível gratuitamente a brochura com a programação do evento. Fotografia: Henrique Borges. Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontromulheres.pt>>.

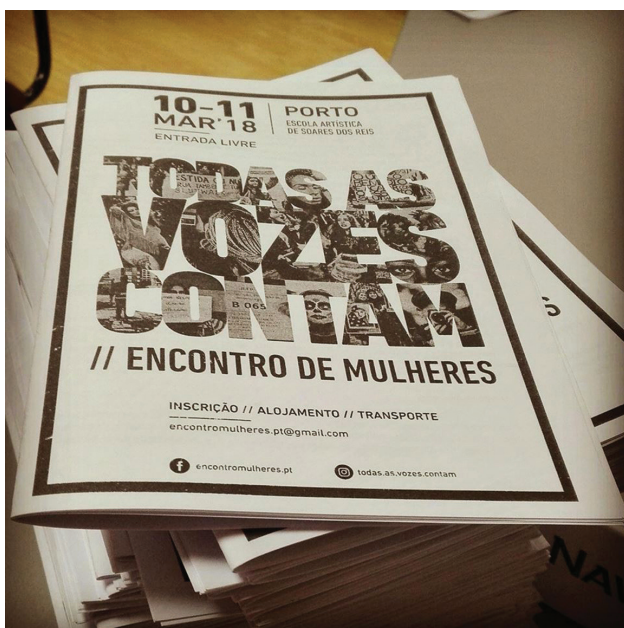


Figura 10

Programa impresso do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, brochura impressa (16 páginas, papel ofício A5 [148 × 210 mm] 80g, impressão a laser). Disponível em: <<https://www.facebook.com/encontromulheres.pt>>.

TODAS AS VOZES CONTAM // ENCONTRO DE MULHERES

ATIVIDADES SÁBADO 10/03

9H

CRENCIAÇÃO D@S PARTICIPANTES

ABERTURA DA FEIRA FEMINISTA

Montagem das bancas

10H

ABERTURA

Ana Barbosa (Porto)

Gabriela Martinho (V. Real)

Sara Canteiro (Bragança)

Guerreiras do Encontro (Porto)

Situação social e económica do país: Mulheres em Portugal

BOAS VINDAS AO ENCONTRO DE MULHERES 2018

11H15 -13H

OFICINAS EM SIMULTÂNEO

Mulheres de Borracha

// Oficina de carimbos

Mediadora: Gabriela César

A representação feminina é uma questão largamente discutida e tratada no mundo da arte e da cultura. Para esta oficina, a proposta é publicar uma zine coletiva com os trabalhos d@s participantes e com o processo criativo da oficina. A partir da criação de carimbos feitos de borracha, @s participantes deverão construir o corpo feminino, inventando e reinventando as partes que constituem uma mulher. Participantes que cederem seus trabalhos

para o zine receberão para si duas impressões da zine como agradecimento por sua participação.



// Cisnormatividade e desconstrução do género (debate misto)

Mediação: Edgar Gonçalves e Inês Santos

Num Encontro destinado a pessoas que se identificam como mulheres, como falamos de género? Afinal o que é o género? Qual a diferença de sexo? Porque é que ainda associamos azul a pessoas designadas homens à nascença e rosa a pessoas designadas mulheres? Porque é que as mulheres não “podem” ter barba? E os homens, porque não “podem” usar maquilhagem? E será que só existem 2 géneros ou poderá haver tantos quantos quisermos? Como nos expressamos de acordo com o género com que identificamos? Iremos falar, desconstruir, sugerir e desmanchar as ideias de género que a sociedade foi construindo por nós.

6 \

Figura 11

Programa impresso do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, p. 6 (tamanho original: [148 × 210 mm]). Tanto na versão impressa distribuída na abertura do evento quanto na versão online consta a divulgação da oficina “Mulher(es) de Borracha”.

Nos meios digitais, a divulgação ocorreu no *blog* e página do Facebook dos eventos²⁰, além de lista de *e-mails* (ZineFest-PT, Casa da Esquina) e página da organização do evento “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam” (A Coletiva²¹). A imagem de divulgação (ver **Figura 12**) *online* difere muito pouco dos cartazes afixados em pontos físicos, no intuito de manter uma identidade visual em comum. Entretanto, para o material *online* houve o cuidado de manter apenas as informações essenciais, já que as publicações que acompanharam as imagens levaram junto o *link* direto para a inscrição²².



Figura 12

Imagem de divulgação *online* das oficinas “Mulher(es) de Borracha” realizadas em Coimbra (Casa da Esquina) e no Porto (Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam). 2604 × 2604 pixels, 300 dpi.

As imagens de divulgação *online* também foram publicados nas minhas páginas de trabalho nas redes Facebook (facebook.com/cestgabi) e Instagram (instagram.com/cestgabi). Para que essas publicações em particular tivessem maior alcance de público, optei por utilizar a ferramenta de impulsionamento de publicações do Facebook. O anúncio foi feito segundo os parâmetros de geolocalização

20 ZineFest-PT: <<https://zinefestpt.wordpress.com/>>; Casa da Esquina: <<http://nacasadaesquina.blogspot.com/>>; Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam: <<https://www.facebook.com/encontromulheres.pt>>.

21 A Coletiva: <<https://www.facebook.com/acoletiva>>.

22 Inscrições para as oficinas do ZineFest-PT e Casa da Esquina: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSezkH-kae0Pdgc0dK6zj0f4yIYM6lJSspWW7lFYUdsNv7QcQ/closedform>>. Inscrições para a oficina realizada no “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdHt2AQ8QLHH4DdVnnrJWiirBaIXBrJI7g340yyCpaxLk3vCw/closedform>>.

do público e de interesses declarados pelos/as usuários da rede. Os parâmetros utilizados foram:

- » **Ditância:** Porto (+17 km ao redor da cidade do Porto);
- » **Público:** homens e mulheres maiores de 18 anos.
- » **Pessoas com interesse nos seguintes assuntos:** direitos humanos, iniciativa feminista, arte contemporânea, dia internacional da mulher, movimento social, design gráfico, feminismo cultural, belas artes, criatividade, *graphic arts*, direitos das mulheres, liberdade de expressão, ilustração, igualdade de gênero, impressão, gravura, desenho, feminismo, *bitch media*.

A promoção esteve ativa durante os 8 dias anteriores a cada uma das oficinas. O orçamento investido para o impulsionamento da publicação foi de R\$ 20,00 (+/- 5 €) por publicação. Foram alcançadas 1.358 pessoas, gerando 140 engajamentos²³ e 3 cliques diretos no link de inscrições. O número mais alto de engajamentos foi entre mulheres (68%), especialmente entre 18 e 24 anos.

²³ A ferramenta de publicidade do Facebook define engajamento como "o número de pessoas que reagiram, clicaram, comentaram ou compartilharam" a publicação. Os detalhes de alcance do anúncio estão acessíveis na ferramenta de administração de publicidade: <<https://www.facebook.com/adsmanager/manage/ads/>>.

Formulário de Inscrição

O formulário de inscrições online (reproduzido no [Quadro 1](#)) conteve apenas questões consideradas essenciais para que os/as inscritos não se sentissem constrangidos ou que houve qualquer tipo de pré-requisito para a aceitação no evento.

As perguntas marcadas com (*) foram de preenchimento obrigatório			
Endereço de e-mail*			
<hr/>			
Nome / Nome social*			
<hr/>			
Idade*			
<hr/>			
Gênero:	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Prefiro não dizer <input type="checkbox"/> Outro
Morada para o envio da zine após a oficina*			
<hr/>			
Tem alguma experiência anterior com zines ou com desenho?* <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Caso tenha respondido afirmativamente a pergunta anterior, descreva brevemente sua experiência com zines e/ou desenho.			

Quadro 1
Formulário online de inscrição das oficinas "Mulher(es) de Borracha".

Oficina Piloto

O ZineFest-PT ocorreu entre 1 e 3 de dezembro de 2017 e contou com feira de publicações, oficinas, conversas, exposições de zines e de ilustrações. A oficina “Mulher(es) de Borracha” fez parte do calendário de oficinas do evento e decorreu nos dias 30 de novembro e 3 de dezembro de 2017. A primeira realização da oficina foi a 30 de novembro de 2017, considerada “Piloto” por ser a primeira versão da mesma. Infelizmente, devido a problemas técnicos com a *scanner* trazida no dia, não constaram na coletânea de zines pela incapacidade de digitalização das imagens produzidas.

Para a Oficina Piloto, os/as 12 participantes foram todos encaminhados pela Escola Artística Árvore e tinham entre 15 e 16 anos. Ao contrário das oficinas posteriores, essa turma já tinha convivência em sala de aula entre seus membros. Isso fez alguma diferença quanto à interação ocorrida entre participantes e os temas conversados durante o trabalho. Diferentemente do notado nas outras oficinas, houve a presença de assuntos corriqueiros de conhecimento do grupo, como eventos que ocorreriam nos próximos dias, ou que haviam se passado recentemente.

A equipa foi dividida em duas mesas com 6 cadeiras em cada (para facilitar, serão nomeadas “Mesa 1” e “Mesa 2”). Não foram estabelecidas regras sobre onde cada pessoa deveria se sentar, fizeram-no de acordo com as afinidades que já tinham. Na Mesa 2 houve um trabalho espontâneo de colaboração (**Figura 13**), tendo as pessoas decidido por conta própria que cada um/a deles/as seria responsável pela realização de um carimbo representando as partes do corpo feminino.



Figura 13

Imagem captada pela Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore) durante a Oficina Piloto ZineFest-PT. Na Mesa 2, os/as participantes decidiram dividir a realização dos carimbos entre si.

Durante a oficina foi possível ouvir as negociações entre os/as alunos/as a respeito da utilização dos carimbos: “Eu faço um [carimbo para o] nariz!” ou “Quem está com o [carimbo do] pé?!”. Isto gerou uma especificidade desta mesa, que foi a partilha de figuras representando partes do corpo (Figuras 14, 14a). A representação da mulher, nesta mesa, foi literalmente resultado de uma construção coletiva daquele grupo.



Figura 14

Nos desenhos da Mesa 2 (Oficina Piloto ZineFest-PT), o compartilhamento de carimbos resultou uma série de desenhos ao mesmo tempo autorais e compartilhados, feitos com o mesmo material. Na fotografia, desenhos de autoria diferente realizados com carimbo de tinta azul Horse nº 1 sobre papel ofício Claire Fontaine tamanho A3 [297 × 420 mm] na cor rosa). Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore).

“Posso usar essa ferramenta?”

Um dos temas mais comuns dentre as perguntas dos/as jovens nessa primeira oficina foi em relação ao uso do material. Mais especificamente, na forma de pedido de permissão para uso das ferramentas (uma particularidade que não aconteceu em nenhuma outra oficina). Exemplos: “**posso** usar a borracha dos dois lados?”; “**posso** usar mais papel?”. Houveram apenas dois momentos em que foi necessária a minha intervenção para assegurar que as goivas e x-atos estavam a ser utilizadas de maneira segura.

Foram necessários alguns esclarecimentos sobre as instruções de realização da oficina, nomeadamente: “quanto é necessário

escrever sobre a personagem desenhada?"; "a mulher representada necessariamente existe ou pode ser ficcional?"; "como deve ser realizado o desenho final?" (em relação ao uso de papel); "o que é uma zine?" (ao assinarem o termo de consentimento).

Talvez por ser um grupo com convivência externa à oficina, houve bastante discussão em relação ao trabalho realizado – os/as alunos/as estiveram bastante atentos/as ao trabalho dos colegas de mesa. Houveram comentários acerca do tempo que cada pessoa gastou para fazer os carimbos; apreciação (positiva ou negativa) do resultado dos carimbos; e curiosidade sobre a técnica que resultou em algum carimbo específico (p. ex.: "como fizeste isso?").

Vale notar que, em relação ao resultado dos desenhos, uma aluna da Mesa 2 queixou-se que os carimbos feitos pelas/os outras/os participantes eram de uma mulher (em suas palavras) "muito magra" (ver exemplos de desenhos na [Figura 14a](#)). Um ponto em comum das representações que surgiram nessa oficina foi a de que a biografia das mulheres desenhadas em todos os casos conteve uma profissão, e uma aspiração/sonho daquela personagem desenhada.



Figura 14a

Alguns dos desenhos resultantes da Oficina Piloto ZineFest-PT. Fotografia: Profa. Aurora Pinheiro (Escola Artística Árvore).

ZineFest, Porto

A oficina “Mulher(es) de Borracha” realizada no dia 3 de dezembro de 2017 contou com seis participantes inscritas previamente (das quais compareceram cinco) e três participantes que fizeram inscrição no dia – um total de oito pessoas presentes. A média de idade foi de 40 anos, tendo apenas uma pessoa declarada como sendo do gênero masculino. Uma das participantes levou o filho de 7 anos para a atividade, necessidade sobre a qual já havia enviado *e-mail* a respeito e foi atendida positivamente. A criança teve acesso aos mesmos materiais que toda a gente, mas preferiu desenhar e fazer carimbos sobre animais a seguir a proposta da oficina original (no que não foi contrariada, apenas observada com mais atenção por serem ferramentas cortantes).

Não houve mudanças das instruções dadas em relação à Oficina Piloto. A única alteração foi a re-organização no tempo despendido, dentro das horas de realização da oficina, para a realização do desenho final. Durante a Oficina Piloto, haviam sido estimadas 1h para a confecção dos carimbos e 40 minutos para a realização do desenho final. A partir da observação dos/as participantes, o tempo foi alterado para 1h30 para desenho, gravação e testes dos carimbos (Figura 15), e 20 minutos para o desenho final.

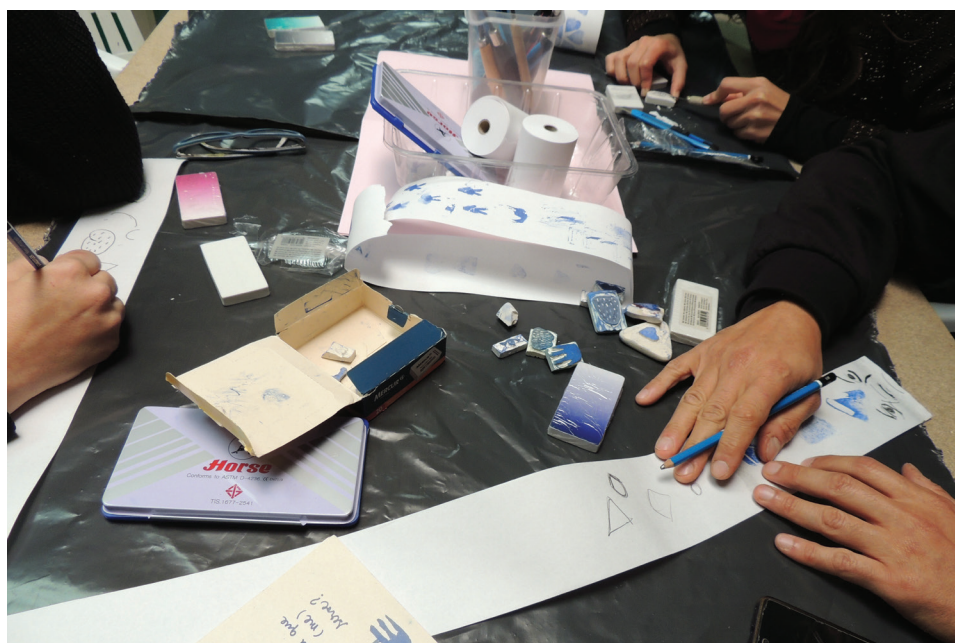


Figura 15

Imagem captada durante a Oficina no ZineFest-PT, que documenta os/as participantes a planearem através de desenhos os carimbos que gravariam na sequência.

Espaço amigável para crianças

Houve mais autonomia e experimentação com os materiais do que na oficina anterior, principalmente em termos de utilizarem tudo que estava disponível de modo a investigar o material antes de criar os carimbos em si.

Houve dois participantes italianos (Max e Mónica), de modo que a oficina decorreu em inglês e português. Para esses participantes foi enviado por *e-mail* o termo de consentimento de uso dos desenhos traduzido para o inglês após a realização da oficina. Foi possível notar uma menor interação entre as pessoas participantes quando comparado com a turma anterior, mas focaram mais em **aspectos positivos** do trabalho dos/as colegas de mesa.



Figura 16

Imagem captada durante a Oficina no ZineFest-PT: participantes realizam os últimos testes em seus carimbos antes de realizarem o desenho final.

Casa da Esquina, Coimbra

A oficina “Mulher(es) de Borracha” realizou-se no dia 8 de março de 2018, na Casa da Esquina, em Coimbra. O evento ocorreu na sequência do lançamento da minha zine *Deixe-me entrar* pela editora Sapatapress, no âmbito da 3ª Mostra Internacional de Banda Desenhada de Coimbra. A Casa da Esquina já conta com experiências anteriores em sediar oficinas e mesmo exposições de desenho e eventos com foco sobre o debate feminista. Para além disso, também dispõe de ter um pequeno espaço físico fixo para a venda de zines e publicações independentes.

Por meio de formulário *online* inscreveram-se 12 participantes, sendo (autodeclaradas) 10 mulheres, um homem e uma pessoa que preferiu não declarar o género. Também foi convidada a participar da oficina a ilustradora Joana Estrela, que participou anteriormente no mesmo dia do lançamento das zines pela editora Sapatapress. A média de idade foi de 41 anos e todas as pessoas inscritas residem em Coimbra. Sete dos/as 12 participantes afirmaram já ter algum contacto prévio com desenho ou artes plásticas num geral.

Mudança da questão central da oficina

Ao analisar os desenhos e textos das oficinas do ZineFest-PT, ficou evidente que a imagem de mulher surgida das oficinas era mais ligada a uma narrativa de feminilidade que não necessariamente respondia diretamente ao questionamento “o que há de particular na representação gráfica de uma mulher?”. O objeto das oficinas deveria estar mais ligado àquilo que, para aquelas pessoas, pudesse simbolizar a mulher, e não tanto a uma narração (fictícia ou não) ilustrada. Portanto, a pergunta-base da oficina foi alterada para **“O que, no desenho de uma mulher, faz dela uma mulher?”**. Por ser uma pesquisa baseada em desenho, carimbos e representação gráfica, essa pareceu uma pergunta mais diretamente relacionada ao resultado esperado. Esperei com isso ampliar o espectro de respostas possíveis, e não sumarizar e condensar o que a representação feminina pelo desenho deve ser.

Também se encontrava implícito outro desafio, esse mais de carácter mental – seria possível **definir** o que é a mulher? **E o que é uma mulher?** Ou será que em cada pessoa haveria uma imagem de mulher, construída culturalmente e experienciada individualmente? A pergunta traria à tona a impossibilidade formal da representação? Levando em conta que a questão das oficinas surgiu pela minha própria dificuldade em definir o que era a representatividade feminina, ao procurar **maneiras distintas de representar a mulher** pelo desenho talvez fosse possível por diversificar as referências visuais existentes acerca disso.

Em cada resposta, há uma semente para ser plantada – tanto para os/as participantes que desenharam e confeccionaram carimbos (é uma **tarefa possível**? Como dar forma gráfica a um universo simbólico e cultural do que eu entendo por “mulher?”) quanto para se tentar definir um género (é possível sequer afirmar **o que é uma mulher?** O que faz de uma pessoa uma mulher?). Claro que as camadas de interpretação da oficina dependem da abertura de cada pessoa que dela participa, mas a minha função como mediadora foi iniciar e instigar esse diálogo.

Vagas esgotadas!

A oficina de Coimbra excedeu o número de inscrições previstas (eram 10, baseando-me nas anteriores). Foi necessária a compra de mais materiais (goivas, borrachas, x-atos) para que as ferramentas fossem o suficiente para participação de até 15 pessoas.



Figura 17

Imagem captada durante a Oficina realizada na Casa da Esquina, em Coimbra. Fotografia: Casa da Esquina / Divulgação.

Mas... E os homens?

Num momento bastante engraçado, o único participante homem disse estar feliz por ter sido “aceite” em uma oficina com tema feminino. Minha resposta foi bastante simples: não houveram participantes recusados/as. Todas as pessoas que mandaram a inscrição dentro do prazo foram aceitas, não sendo a auto-declaração de género um fator limitador.

Por conta do levantamento desse assunto, uma das participantes perguntou-me se eu não tinha interesse em fazer uma oficina “focada” em homens, ou uma coleta de representações femininas realizadas por homens através do desenho. Minha resposta foi de que esse espaço já existia, são os museus e coleções de arte²⁴. Entretanto, para não reduzir o debate a apenas isso, afirmei que poderia ser um passo futuro na realização das oficinas, após concluída a investigação em andamento.

Nesta oficina havia pelo menos duas pessoas com experiência prévia, especificamente em gravura, e viram o uso de borracha com entusiasmo. O material utilizado acabou por ser assunto de conversa. Esses participantes analisaram a borracha natural como um material que apresentou um bom equilíbrio entre maciez e durabilidade do carimbo, ao mesmo tempo que tem um preço acessível e é facilmente transportada/comprada.

²⁴ Os homens não “precisam” de espaços exclusivos dentro do mundo da arte por uma questão simples de estatística: já são maioria em cargos de direção de museus e galerias, e de artistas em exposição e em coleções de arte. Ver Salz (2015) e Women’s Workshop of the Artist’s Union (2015).

Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam

Uma oficina em espaço de debate feminista

O “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam” realizou-se no dia 10 de março de 2018. O evento foi organizado por um grupo feminista independente da cidade do Porto (A Coletiva) com o intuito de colocar em pauta assuntos recorrentes em debates, principalmente após a Greve das Mulheres (2018). Para além de tertúlias e oficinas, o evento contou com uma Feira Feminista. Nas oficinas, esperou-se ser possível debater de forma criativa e construtiva, entre mulheres, soluções para os diversos problemas apontados no manifesto do “Encontro” ([Anexo 2](#)).

Durante a oficina “Mulher(es) de Borracha” realizada durante o “Encontro” foram inscritas por meio de formulário *online* quatro participantes (das quais efetivamente apenas uma compareceu). As outras seis participantes foram inscritas presencialmente no próprio dia, ao início da oficina. Foram, ao todo, sete participantes. Todas se autodeclararam mulheres, com média de idade de 36 anos (variando entre 18 e 58 anos de idade). Por terem sido, em sua maioria, inscrições *in loco*, pode-se intuir que, por já estarem no “Encontro” e, tendo visto a programação do dia, tenham tido interesse na atividade. Apesar de o evento ocorrer no Porto, por sua ampla divulgação em redes feministas, houve participantes de outras cidades (p. ex.: três participantes de Lisboa).

Por sugestão da ilustradora Joana Estrela (participante da oficina anterior em Coimbra), nessa realização não houve o confronto das participantes com os desenhos que eu realizei anteriormente. Isso foi feito na tentativa de não “contaminar” tão diretamente as expressões gráficas.

O formulário de inscrição ([Quadro 1](#)) foi planeado de modo a respeitar as expressões de género das pessoas participantes. Contudo, a auto-declaração de género surpreendeu uma das participantes dessa oficina. Ela devolveu-me a pergunta, durante o ato da inscrição, com outra: “O que eu pareço? Eu não sou uma mulher?”. Era uma situação delicada: ao mesmo tempo que queremos ser reconhecida/os por nosso género correto, também essa é uma característica que não se pode intuir ou declarar por outrem. Por isso elaborei a pergunta no formulário *online*: para que cada pessoa possa ter reconhecida a sua expressão de género. Vale apontar que esse não foi um questionário que pensei para ser aplicado pessoalmente, nem para ser confrontado com a pertinência (ou não) daquela autodeclaração. A maneira que encontrei para resolver a questão foi pedir à participante que declarasse o próprio género, pois somente ela poderia fazê-lo.

Da mesma maneira que houve no ZineFest-PT, uma das participantes trouxe o filho para a oficina. O evento contava com espaço especial para crianças. Entretanto, como a criança preferiu ficar junto à mãe, foi-lhe fornecido material para poder desenhar e carimbos já prontos. Por ter menos de 7 anos, em conversa com a mãe foi acordado que a criança não utilizaria as ferramentas de corte para elaborar novos carimbos. Muito embora as oficinas não sejam atividades especificamente pensadas para crianças, percebe-se que elas têm menos inibição que as pessoas adultas à sua volta para começar a desenhar, além de se sentirem confortáveis com isso por mais tempo. Houve em todas as oficinas pedidos de “desculpas” pelo/as participantes por “não saberem” desenhar. “Saber desenhar” não foi uma questão que sequer foi levantada pelos participantes infantis. Havia espaço para desenhar, e materiais para isso – era tudo o que precisavam.

Partilha de vivências femininas: maternidade, luta e união

Uma das participantes compartilhou algumas histórias de sua própria filha, que infelizmente não pode vir ao evento. Ela acabou por ser a pessoa que mais interagiu com a criança presente na sala, além de mim e da mãe da própria criança. Por fazer parte de um evento com outros debates e atividades para além da oficina (assim como no ZineFest-PT) foi possível atingir um número maior de pessoas na divulgação da atividade e correlacionar o conteúdo às outras propostas do “Encontro”. Foram enunciadas pelas participantes outras oficinas e palestras no dia cujos temas eram pertinentes ao trabalho que estavam a realizar.

Análise dos Desenhos Realizados

Aqui foram inseridos comentários aos desenhos dos/as participantes das oficinas. Eventuais colagens e colaborações entre paginação/layout de página e desenhos serão comentados mais adiante, no capítulo específico sobre a edição das zines. Destacam-se nos tópicos abaixo algumas repetições simbólicas que fizeram parte dos resultados imagéticos surgidos nas oficinas.

Mulher: entre a emoção e a razão

A figura estilizada do coração humano foi um ponto em comum na criação de imagens, aparecendo em quatro (de um total de oito) dos desenhos da oficina do ZineFest-PT. Esses desenhos aparecem nas **Figuras 18 e 19** e na **Figura 20**, por exemplo. Isso não ocorreu apenas devido à reutilização de carimbos por participantes

que estavam na mesma mesa, mas também por iniciativa própria de pessoas que criaram para si outros carimbos em forma de um coração estilizado.



Figura 18

Páginas 6 e 7 da zine "Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT". 260 × 180 mm (formato aberto).



Figura 19

Páginas 8 e 9 da zine "Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT". 260 × 180 mm (formato aberto).



Figura 20

Páginas 8 e 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. No caso da personagem que aparece aqui, há o desenrolar de uma narrativa para mais para além da mera descrição, percebendo como essa mulher interage emocionalmente com o mundo. 260 × 180 mm (formato aberto).



Figura 21

Páginas 10 e 11 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. O símbolo do coração estilizado foi uma das escolhas da participante para representar o amor que a mulher traz ao ambiente familiar. 260 × 180 mm (formato aberto).

A figura do cérebro humano apareceu mais de uma vez, e em mais de um formato, na medida em que representa o lado racional e inteligência (como vemos nos desenhos da [Figura 18](#)) e a criatividade da mulher ([Figura 19](#)). Cinco em sete das participantes da oficina do “Encontro de Mulheres” também utilizaram um coração estilizado (ver exemplo na [Figura 21](#)) nas suas representações de mulher.

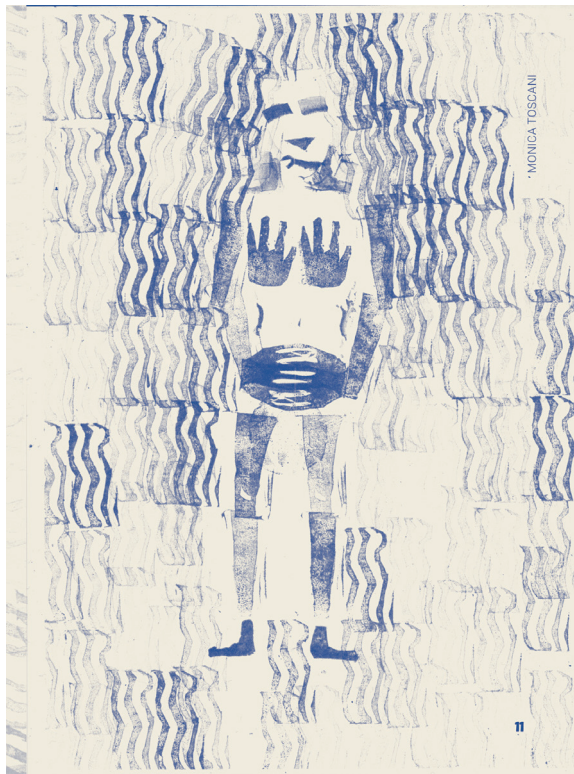


Figura 22
Página 11 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 23
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).

Mulher-sereia, mulher-peixe

A imagem da “mulher-peixe” e da mulher “deusa-do-oceano” é um ponto coincidente entre as participantes, mesmo não estando, no dia da oficina, sentadas na mesma mesa ([Figuras 22 e 23](#)). Também se nota que, nesses desenhos, não há uma presença demarcada de um corpo que possua de maneira mais evidente órgãos sexuais. Talvez seja a ideia de uma criatura ligada aos fenômenos naturais o que define a personagem como mulher, mais do que a presença dessas características físicas.

Os ciclos naturais e próprios da mulher

Foi um ponto recorrente a utilização do imagético de fenômenos naturais e as representações das forças cíclicas da natureza (mar, ciclos lunares e solares) para a representação feminina. Essa

conexão entre os ciclos da natureza e os ciclos do feminino aparece nos desenhos das **Figuras 24, 25 e 26**. É possível observar a descrição do feminino como “um ser mutante” na **Figura 27**. Ou seja: ligada aos ciclos naturais ou por uma característica própria, vemos surgir uma mulher em processo de constante mudança.

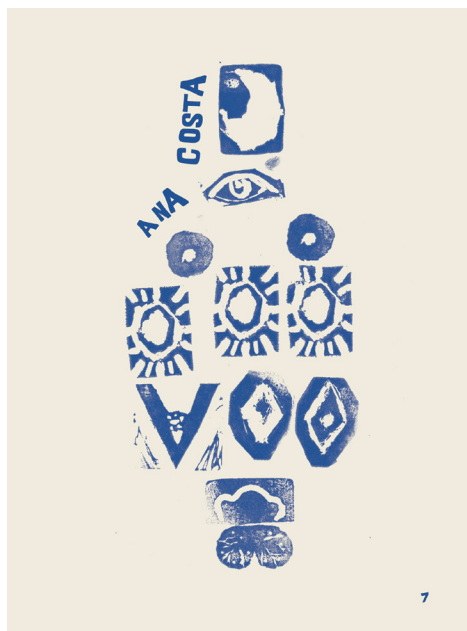


Figura 24
Página 7 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”.
130 × 180 mm (página simples).



Figura 25
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”.
130 × 180 mm (página simples).

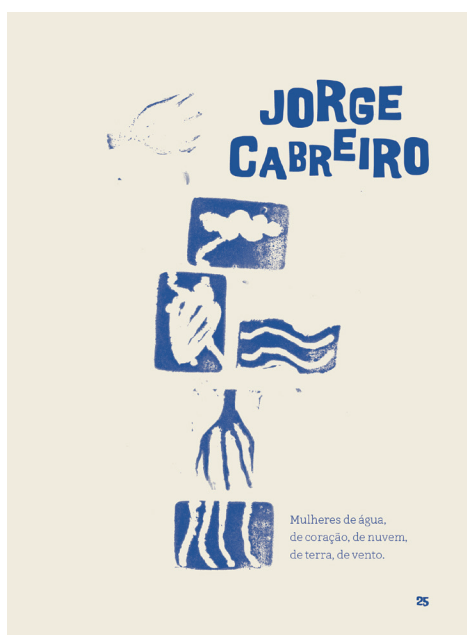


Figura 26
Página 7 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”.
130 × 180 mm (página simples).



Figura 27
Página 22 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”.
130 × 180 mm (página simples).



Figura 28

Páginas 12 e 13 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. Ondas aparecem neste desenho como maneira de representar as “mulheres que vêm do mar”, como vemos a seguir na [Figura 29](#). 260 × 180 mm (formato aberto).



Figura 29

Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 30

Página 18 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).

Os elementos da natureza aparecem novamente nos desenhos da oficina do “Encontro de Mulheres” – nas **Figuras 28 e 29** os desenhos sugerem a presença de água, tendo a participante escrito “I want to represent all woman who come from the sea” (**Figura 29**). Já na **Figura 30** o corpo da mulher é construído a partir de folhas, flores e corações estilizados. As flores também formam partes do corpo (como as mãos da personagem da **Figura 20**) ou aparecem como elementos decorativos (**Figuras 28 e 31**).



Figura 31
Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 32
Página 12 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).

Figuração e abstração

Na oficina do segundo dia do ZineFest-PT, apenas uma participante (**Figura 18**, desenho à esquerda) absteve-se de desenhar o corpo da mulher de maneira mais figurativa (cabeça, membros etc.). Há uma figura corpórea realizada de maneira menos explícita, e traz consigo um texto para “explicar”. Isso pode tanto estar relacionado com uma necessidade de figuração mais próxima do que as pessoas já conhecem, ou como a utilização dos desenhos anteriores realizados por mim (ver **Figura 1**) como exemplos nas oficinas.

Todos os desenhos realizados durante a oficina no ZineFest-PT (com exceção da **Figura 18** já mencionada) apresentam a estilização de um rosto de alguma forma (sendo no desenho à direita na

Figura 18 o único rosto a demonstrar um sorriso). Nos desenhos das Figuras 20 e 32 há algum indício de expressão de tristeza/cansaço na representação realizada pelas participantes. Houve apenas uma participante entre todas as oficinas que relaciona ser mulher a um sentimento direto de alegria e arte de uma maneira mais direta. Ela escreve (Figura 30): “Mulher é vida, ternura, esperança, sonhos, alegria, arte”.



Figura 33
Página 13 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 34
Página 14 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).

Na oficina realizada no “Encontro de Mulheres”, o desenho da Figura 30, ao contrário de todos os outros, vemos surgir a figura de uma mulher com cabeça, tronco e membros. Outros desenhos, como se vê nas Figuras 33 e 34, seguiram por caminhos mais estilizados, fazendo composições de maneira a criar uma estampa. Isso não significa que o corpo feminino não tenha sido representado em si na forma de outros ícones, como bocas, mãos, coração, órgãos sexuais, pés, olhos etc.

Partes de um todo: o corpo feminino

Nos desenhos em que consta a representação do corpo feminino de uma maneira mais figurativa, os elementos que demonstram ser o corpo de uma mulher são os seios e a presença de algum

tipo de representação dos órgãos sexuais femininos. O desenho da **Figura 36**, por exemplo, não contém mãos e pés, mas possui de maneira bem evidente a presença de seios e vagina para denotar a figura da mulher. No texto da mesma participante há a afirmação de que a mulher e seus órgãos sexuais são um todo, convivem em uníssono. Para a participante, as tentativas de contemplar isso separadamente acabam por objetificar a mulher (**Figura 50**).



Figura 35
Página 17 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 36
Página 17 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).

A ideia do que é uma mulher, quando há a representação de seu corpo, está associada em muitos dos desenhos aos órgãos sexuais e aos seios. São exemplos as **Figuras 32, 35, 37, 41 e 45**, apenas para citar alguns. Também nos desenhos de totens aparecem simbolicamente essas partes, como é o caso dos desenhos nas **Figuras 24 e 44**.

O texto como desenho

Algumas das participantes (por exemplo, nas **Figuras 24 e 36**) escolheram por não escrever sobre o desenho que fizeram – em vez disso, preferiram me explicar qual o “significado” daquilo que haviam desenhado. Houve também casos de participantes que preferiram não escrever sobre nem “explicar” os seus desenhos (**Figuras 37 e 38**). Houve apenas uma única participante que quis

desenhar/carimbar letras, o que fez com que ela tivesse de se atentar para o facto de que os carimbos são o espelho do desenho que fica gravado em sua base (**Figuras 39**). O resto das/os participantes limitou-se a escrever os textos separadamente em folha anexa aos desenhos. Em alguns casos excepcionais, como se observou na **Figura 27**, foram combinados os elementos manuscrito e imagético.



Figura 37
Página 6 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 38
Página 24 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).

Mulher-totem

Nos desenhos resultantes da oficina realizada em Coimbra, o desenho da mulher como uma estrutura corpórea aparece em dez dos desenhos, enquanto dois são mais próximos de um retrato (desenho da cabeça/rosto). Aparecem também “totens” (**Figura 27**) e experimentações com a criação de padrões gráficos (**Figuras 33 e 34**). Como as pessoas puderam realizar mais de um desenho, possivelmente se sentiram, assim, mais à vontade para explorar as ferramentas para além da realização mais objetiva de um só desenho.

Fonte da vida e proteção

A sugestão de maternidade apareceu nos desenhos de algumas das participantes como representação fundamental do que é uma mulher, como é exemplificado nas **Figuras 41 e 42**. A ideia



Figura 39
Página 6 da zine "Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra". 130 × 180 mm (página simples).



Figura 40
Página 20 da zine "Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam". 130 × 180 mm (página simples).



Figura 41
Página 9 da zine "Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra". 130 × 180 mm (página simples).



Figura 42
Página 31 da zine "Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra". 130 × 180 mm (página simples).



Figura 43

Detalhe da página 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”: as mulheres usam suas mãos para lutar. 130 × 180 mm (página simples).

de cuidado como uma tarefa que define a mulher aparece no desenho das **Figuras 21, 31 e 46**. Nesta última, a participante afirma: “We create, sustain and nurture life”.

A descrição da figura da mulher foi de como um ser “protetor” e “forte” no texto que acompanha a **Figuras 44**. A luta por direitos faz parte dos desenhos de algumas das participantes (**Figuras 39 e 43**, por exemplo), e houve até quem representasse a mulher em marcha (**Figura 45**). A ideia da “mulher lutadora/batalhadora/trabalhadora” remete não apenas à força para lutar pelos direitos, mas também para sobreviverem a uma dupla jornada (**Figura 40**).

Uma mulher é... o que ela quiser ser

Dentre as imagens criadas no âmbito do “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, podemos destacar que nesta oficina houve mais uso da ideia de que as mulheres



Figura 44

Página 30 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 45

Página 28 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 46
Página 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 47
Página 15 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 48
Página 20 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 49
Página 27 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).

são unidas (Figuras 39 e 45). Isso pode decorrer do facto de ser uma oficina realizada dentro de um evento com proposta feminista. Nas Figuras 39 e 51 pode-se apontar a ideia de um percurso de lutas e libertação são fundamentais para representar o feminino.

O que é “ser mulher” foi associado à vontade de sê-lo e, ao mesmo tempo, a uma estrutura composta por várias partes, sejam elas comportamentais ou sociais. Isso acontece mais explicitamente nas Figuras 34, 47 e 50 – ser mulher é ser uma conjunção de muitos fatores. A Figura 50 mais especificamente repudia a objetificação da mulher. As participantes também expressaram a representação da mulher como uma escolha própria. Para ser mais exata, escreveram nas Figuras 35, 48 e 49: “Uma mulher é como ela quiser”.



Figura 50
Página 16 da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 130 × 180 mm (página simples).



Figura 51
Página 6 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 130 × 180 mm (página simples).

Zine Colaborativa “Mulher(es) de Borracha”

As zines reúnem o material criado nas oficinas “Mulher(es) de Borracha”, e criam uma nova plataforma de divulgação do trabalho oficial e de edição de impressos. Para além de haver algumas doações a coleções específicas de interesse de divulgação, haverá parte da tiragem reservada para venda em feiras e eventos de publicadores independentes. O presente capítulo tem como objetivo detalhar o processo criativo da zine em termos editoriais e gráficos, para além de apresentar alguns pormenores da paginação que nortearam as escolhas em termos de *layout* da publicação.

Índice interno

Uma breve introdução ao mundo das zines.....	33
Zine “Mulher(es) de Borracha”: aspetos editoriais.....	37
Organização do conteúdo das zines.....	40
Zine “Mulher(es) de Borracha”: projeto gráfico	45

Uma breve introdução ao mundo das zines

A informalidade na organização e realização de projetos artísticos em colaboração com o(s) público(s) é uma das ações propostas por artistas que estabelecem uma relação mais desafiante com o sistema de arte centrado apenas nos museus e galerias de arte. Uma das repercussões desta tendência, na segunda metade do século XX, é o surgimento de publicações de cariz marcadamente experimental e não comercial, como as zines.

Segundo Márcio Sno (2015) a Zine, refere-se a um segmento de publicações independentes, impressas em papel ou em formato digital, que deriva da palavra “Fanzine”. Este termo deriva do termo inglês “Magazine” que, por sua vez, define uma publicação, boletim, jornal com determinada periodicidade, orientada para determinados conteúdos. Em geral, os leitores/as das fanzines têm interesses em comum com quem a produziu, ou seja, indica uma publicação feita **por e para** fãs de um mesmo assunto. O dicionário Merriam-Webster identifica a origem etimológica do termo Zine o termo em inglês “Fanzine”. Para além disso, define-o como uma publicação de pequena circulação (podendo ser digital ou impressa), dedicada a conteúdos especializados e pouco ortodoxos (Merriam-Webster, s/data).

A busca online pelo termo em inglês no dicionário *Cambridge Advanced Learner’s Dictionary & Thesaurus* aponta para duas definições ligeiramente diferentes de “Fanzine” e “Zine”. A primeira é apontada como “uma revista para admiradores de algum assunto para pessoas com o mesmo interesse” (“Fanzine”, s/data)²⁵. Já “Zine” é definida como “uma pequena revista de baixo orçamento produzida por uma pessoa (ou pequeno grupo de pessoas) sobre um assunto que lhes interessa” (“Zine”, s/data)²⁵. Nota-se que as zines são classificadas em termos de como a publicação é produzida (“orçamento escasso”), enquanto que a definição de fanzine incide mais sobre o público ao qual ela se destina.

Stephen Duncombe (2008) aponta como uma das características fundamentais das zines a maneira como atuam dentro de um contexto criativo em protesto contra a exploração e lucro sobre o trabalho alheio. Segundo o autor (*idem*) as zines desafiam o consumo ao dirigirem-se para públicos muito setorizados, e com pouca distinção entre “criadores” e “consumidores” daquela mesma cultura. Em vez de se utilizar da mesma lógica de mercado de consumo e lucro, as zines funcionam a partir de uma valorização da autoexpressão, conexão, comunidade e autenticidade (*idem*).

A zine é um formato de publicação que tem sido explorada²⁶ como ferramenta de comunicação de temas tão variados como o da

25 No original – Fanzine: “is a magazine written by people who admire a sports team, musicians, etc., for other people with the same special interest” (“Fanzine”, s/ data). Zine: “small magazine that is produced cheaply by one person or a small group of people, and is about a subject they are interested in”. (“Zine”, s/ data)

26 Uma reunião exaustiva das zines publicadas em Portugal podem ser consultados no *Arquivo Tipo PT*, através do URL <http://ptsmallpress.blogspot.com/> e o fenómeno da edição impressa independente no Brasil pode ser conhecido através do documentário *Impressão Minha* (2018) realizado por Daniel Salaroli, Gabriela Leite, João Rabello, mais informações em <http://impressaominha.com.br>.

ficção científica, política social, poesia, artes visuais, ou de assuntos relativos aos movimentos feministas, entre muito outros. Geralmente as zines, quando resultado impresso de produções editoriais com alguma periodicidade, são vendidas em encontros de artistas, feiras independentes, estabelecimentos comerciais especializados ou enviadas por correio aos/às leitores/as.

A produção de uma zine geralmente implica a figura de um/a editor/a (“fanzineiro/a”, em português do Brasil) que organiza e realiza as tarefas de escrever, ilustrar, editar, paginar, reproduzir e distribuir essa publicação (Sno, 2015)²⁷. É frequente que as publicações revelem uma grande liberdade de expressão e representem uma diversidade de narrativas pessoais. Elydio dos Santos Neto (2010) aponta como uma das possibilidades das zines a narrativa autobiográfica, tipo de publicação conhecida no meio como *biograficzines*.

Uma característica fundamental das zines é o seu espírito “faça-você-mesmo” (DIY) que lhe está na origem. O termo é frequentemente associado ao fenómeno de criações autodidatas a custos reduzidos desenvolvida mais intensamente nas últimas décadas em meios culturais ligados à cultura musical emergente, conforme Robert Daniels (2014). Uma grande maioria de zines são produzidas através da imediatez tecnológica proporcionada pela fotocópia e distribuídas segundo uma lógica de acessibilidade. O core da premissa faça-você-mesmo é a acessibilidade tecnológica, seja ela em termos de aparelhagem ou de “habilidades” (Daniels, 2014, p. 5)²⁸, levando a produção de cultura para além de um reduto elitista.

Duncombe (2008) define o movimento “faça-você-mesmo” como uma chamada contra o consumismo: “faça a sua própria cultura, e pare de consumir o que foi feito para você” (Duncombe, 2008, p. 7)²⁹. A materialidade das zines, para Alison Piepmeier (2009), consegue atravessar o debate sobre a indústria cultural, e até mesmo o questionamento sobre o futuro das publicações impressas. Kristen Schilt (2003) aponta que as zines podem inclusive encorajar seus/ suas leitores/as a produzirem os próprios meios culturais e se tornarem, consequentemente, mais críticos/as com o que consomem.

A presença física das zines tem a capacidade de nos reconectar com nós próprios/as e com os outros seres humanos, afirma Piepmeier (2009). Uma das razões para essa conexão afetiva é o nível de envolvimento nas decisões editoriais e gráficas tomadas quando se edita e publica uma zine – desde a seleção dos elementos gráficos, até o tipo de papel (Piepmeier, 2009). Tudo isso passa pelo crivo do/a editor/a, demandando não apenas tempo, mas também “envolvimento físico, intencionalidade e cuidado” (Piepmeier, 2009, p. 66)³⁰. Outra característica própria das zines é que as diferencia, por exemplo, de um *weblog*, é a capacidade de poder servir como

27 Sno (2015) é autor do livro de pesquisa independente *O Universo Paralelo dos Zines*, que escreveu após extensiva investigação sobre o cenário (principalmente o brasileiro) de publicações independentes. Também é o realizador do documentário em três capítulos “Fanzineiros do Século passado”, que podem ser vistos na íntegra no canal do Vimeo do autor. Fanzineiros do Século passado: Capítulo 1 (31 min.): <<https://vimeo.com/19998552>>, Capítulo 2, 2002, (62 min.): <<https://vimeo.com/41393497>> e Capítulo 3, 2003 (59 min.): <<https://vimeo.com/67697733>>.

28 No original: “Another defining feature of a DIY ethos lies in the notion that ‘skill’ is acquirable and accessible to all. It no longer has to belong to an elite” (Daniels, 2014, p. 5).

29 No original: “do-it-yourself: make your own culture and stop consuming that which is made for you” (Duncombe, 2008, p. 7).

30 No original: “This personal, physical involvement means not only intentionality but also care” (Piepmeier, 2009, p. 66).

artefacto, presente ou como elemento de troca entre dois/duas editores/as (Piepmeier, 2009).

Uma referência relevante para o desenvolvimento da Zine Colaborativa “Mulher(es) de Borracha” são as zines do **movimento riot grrrl**. Inicialmente criadas como uma forma de denúncia e combate à misoginia (Piepmeier, 2009), essas zines (grrrl zines) tornaram-se também modos de expressar a subjectividade das suas autoras. Essas zines documentam ainda os desdobramentos criativos da Terceira Onda do feminismo em termos de publicações. Piepmeier (2009) destaca o caráter por vezes lúdico (“playful”, no original, p. 88) e apropriacionista dessas zines. Como maneira de tentar subverter os cânones da feminilidade, muitas autoras se apropriaram de clichés para produzirem a sua mensagem de maneira crítica. Dentre os assuntos abordados nas grrrl zines, a autora destaca: imagem corporal, vulnerabilidade feminina, prazer e maternidade (Piepmeier, 2009, p. 88-89).

A questão identitária aparece nas grrrl zines, seja ao se utilizarem das zines para a criação de uma comunidade, seja para dialogar e “desestabilizar, questionar ou mesmo rejeitar” (Piepmeier, 2009, p. 89) uma identidade fixa. Schilt (2003) evidencia a importância de grrrl zines, especialmente para raparigas adolescentes, como uma maneira de representar assuntos que fazem parte da experiência feminina de um ponto de vista extremamente pessoal. Para Schilt (2003), grrrl zines são ferramentas empoderadoras na medida em que dão às adolescentes uma maneira de expressar a sua voz e suas emoções para um público da mesma idade e que convive com as mesmas questões. Mais importante ainda – as zines são feitas para compartilhamento, estabelecendo-se como materiais que estão ao mesmo tempo nas esferas privada (compartilhamento das subjectividades) e pública (publicações vendidas ou trocadas entre pares). A importância de se estabelecer um lugar de fala, “sem medo de ridicularização ou censura” (Schilt, 2003, p. 79)³¹, com controle de sua audiência e possibilidade de anonimato como autoras é um estímulo para a criatividade das adolescentes que elaboram grrrl zines.

31 No original: “(...) the experience of having a space to talk about their lives can be very important, as there are few chances for girls to express their thoughts and feelings without fear of ridicule or censure” (Schilt, 2003, p. 79).

A importância das feiras de publicações independentes

É considerável o papel das feiras de publicações independentes dentro do circuito de venda e troca das zines. Por mais que seu objetivo primordial não esteja necessariamente ligado com o lucro a partir da venda das revistas, é nas feiras que muitos produtores se encontram pessoalmente pela primeira vez e fazem trocas, além de passarem a conhecer novidades no setor em termos de novas zines, meios de impressão e novos colegas publicadores (Sno, 2015).

As feiras de publicações independentes podem ter como foco publicações voltadas ao cenário faça-você-mesmo ou livros de artista, para além de outras expressões gráficas. Essas categorias se contaminam e muitas vezes um impresso pode ser categorizado em mais de um grupo. Os critérios de seleção das feiras acabam também por delimitar o espectro dos participantes. Como exemplos, José de Souza Muniz Jr. (2017) cita as feiras Tijuana, Plana e Ugra Zine Fest, todas realizadas em São Paulo a partir de 2009. A primeira propõe-se a atuar principalmente como espaço expositivo para aqueles trabalhos impressos que não encontram compatibilidade com os espaços tradicionais de exposição, com foco em livros de artista. Com participações de publicadores internacionais, e realização de feiras em outras cidades (nomeadamente, Buenos Aires em 2014, e na cidade do Porto em 2016), a Feira Tijuana tem como particularidade a parceria com a Galeria Vermelho e o foco em expositores do Cone Sul. A Feira Plana, inspirada na NY Art Book Fair, possui inscrição gratuita e curadoria das inscrições – ou seja, a exemplo do espaço expositivo tradicional, a entrada é condicionada a uma estetização e o objeto impresso tem o tratamento de objeto de arte experimental. Por fim, a Ugra Zine Fest é auto declaradamente dedicada aos gêneros de publicação independente e fanzine (Muniz Jr., 2017).

Vale destacar que, para além das feiras, muitos desses eventos também organizam oficinas e palestras sobre o tema das zines e publicações independentes. O objetivo é não só de alargar o público das feiras como também promover alguma formação e reflexão sobre o próprio cenário em que se inserem. Um exemplo disso é a ZineFest-PT, organizada pelo Atelier 3/3 no Porto. Na edição de 2017 do evento foram realizadas simultaneamente uma mesa com as publicações do Coletivo Bichofeo (do qual faço parte como editora) e duas das oficinas “Mulher(es) de Borracha”. Dentro do mesmo evento é possível ver o resultado final de zines e aprender/trocar com os/as publicadores/as presentes os pormenores técnicos de sua atividade.

Por fim, para Sno (2015), é possível categorizar as feiras de publicações independentes quanto a algumas características: sua organização (entidades públicas, privadas ou mistas); existência (ou ausência) de patrocínio e/ou financiamento; inscrição livre ou curadoria dos participantes; e pagamento de taxa de inscrição. Todas essas são variáveis que acabam por impactar o público da feira e a distinguir o tipo de participantes (em termos de vendedores) que fazem parte desses circuitos. Como exemplo, vale mencionar o evento e feira Lady's Comics, ocorrido em 2014, 2016 e 2017 no Brasil em duas cidades diferentes. O website Lady's Comics³²

32 Com o sub-título “HQ não é só ‘pro’ seu namorado!”, o website Lady's Comics (<http://ladyscomics.com.br>) foi entre 2010 e 2018 uma das mais importantes fontes de informação e crítica sobre a produção de banda desenhada (HQ) por mulheres.

organizou em São Paulo (2017) e Belo Horizonte (2016 e 2014) um encontro com feira e palestras focadas exclusivamente em publicações independentes feitas por mulheres. Foi durante a feira ocorrida no **Encontro Lady's Comics** de 2016 que publiquei as minhas primeiras zines: *Viver é tosco* e *Meia-Estação*.

Zine “Mulher(es) de Borracha”: aspetos editoriais

Uma introdução importante aos tópicos desenvolvidos abaixo é a minha experiência prévia como *designer* gráfico de impressos, especialmente livros e revistas. Como parte da cadeia de produção, entretanto, nunca havia me deparado com algumas das decisões que aqui foram necessárias: tiragem, processo de impressão, acabamentos, tipo de papel e cálculo do valor de venda. Em editoras de grande porte, essas tarefas nem sempre são atribuídas aos *designers* – em grande parte dos lugares em que trabalhei, o departamento de Produção Gráfica era responsável por esses assuntos. Portanto, muito embora esteja familiarizada com a parte de criação de um projeto gráfico e paginação, as escolhas editoriais e a montagem da zine em si foram uma incursão pessoal do tipo “faça-você-mesmo”. Quando pertinente, estão indicadas bibliografias de apoio para as decisões gráficas que foram tomadas.

Tiragem

O cálculo da tiragem foi feito de acordo com um número mínimo para atender aos/às participantes das oficinas. O acordado é que o custo das oficinas deveria cobrir a impressão das zines e envio pelo correio de dois exemplares por pessoa como contrapartida à participação. Foi levada em conta a divulgação do trabalho para bibliotecas especializadas (“Zinetecas”), colecionadores/as e catálogos de zines e publicações independentes (Tabela 2). Para além disso, cada membro da banca de avaliação da componente escrita terá em mãos uma das zines para poder melhor avaliar o projeto. Portanto, o cálculo do número final de exemplares impressos deveria levar em conta que pelo menos 31 zines (em média) seriam enviadas pelos Correios para os/as participantes e como doações. Para que um número igual de publicações se mantivesse em minhas mãos para venda e divulgação em feiras, calculei uma tiragem de 60 exemplares para cada zine.

33 Tiragem destinada ao envio para os/as participantes: 2 exemplares por pessoa.

34 Doação de um exemplar a cada uma das pessoas ou instituições a seguir: 1. O Homem do Saco/Lisboa; 2. Catarina Cardoso (Portuguese Small Press); 3. Coleção ZineFest-PT/Porto; 4. Zineteca de Santos/SP; 5. Zineteca de Belo Horizonte/MG; 6. Isabel Carvalho; 7. Editora Sapatapress; 8. Chilli com Carne; 9. Banca Paisagem; 10. Livraria Confraria Vermelha/Porto.

35 Número de publicações de que irei dispor para feiras específicas destinadas a divulgação e venda de material impresso independente.

Zine	Participantes ³³	Doações ³⁴	Banca avaliadora	Editora ³⁵	Tiragem
ZineFest-PT	16	10	3	31	60
Casa da Esquina/Coimbra	26	10	3	21	60
Encontro de Mulheres/Porto	14	10	3	33	60

Tabela 2

Cálculo da tiragem das zines “Mulher(es) de Borracha”.

Distribuição e venda

Por terem uma edição independente, as zines “Mulher(es) de Borracha” serão distribuídas e vendidas apenas em circuitos comerciais específicos, como feiras de livros de autor e de zines/obras gráficas. O acordo com os/as participantes inclui um termo de autorização para tal ([Anexo 1](#)), de modo que em nenhum momento os participantes tivessem de arcar sozinhos com o custo de impressão e distribuição da zine.

Muito embora as oficinas todas tenham tido um custo (ver no capítulo anterior a [Tabela 1](#)), foi considerado o mínimo para a realização das oficinas, compra de materiais e impressão de uma tiragem exclusiva para os/as participantes. Foi necessário complementar o custo de impressão, impactando assim o cálculo do preço final das zines. O custo de produção de zines para doações (e seu envio) não havia sido previsto durante o planeamento das oficinas. Entretanto, está é considerada uma exigência fundamental para que o trabalho seja difundido gratuitamente dentro do próprio meio das zines.

36 Serão postados os exemplares dos/as participantes e os exemplares de doação, conforme a Tabela 2. Foi calculado um valor médio de 2€ por postagem.

37 Valor referente aos exemplares que ficarão com a responsável pela edição e com o Coletivo Bichofo para participação em feiras, conforme cálculo apresentado anteriormente na Tabela 2.

Zine	Nº de págs.	Tiragem (T)	Contribuição das oficinas (A)	Zines para participantes	Custos de postagem (B) ³⁶
ZineFest-PT	24	60	82,00 €	16	32,00 €
Casa da Esquina	36	60	42,00 €	26	52,00 €
Encontro de Mulheres	20	60	35,00 €	14	28,00 €

Zine	Postagem de doações (C)	Custos de impressão (D)	Custo de produção (P)	Nº de exemplares à venda ³⁷
ZineFest-PT	20,00 €	111,47 €	81,47 €	31
Casa da Esquina	20,00 €	111,47 €	141,47 €	21
Encontro de Mulheres	20,00 €	111,47 €	124,47 €	33

Zine	Custo por exemplar vendido	Custo + 20%	Preço de venda das zines (F)
ZineFest-PT	2,63 €	3,15 €	5,00 €
Casa da Esquina	6,74 €	8,08 €	8,00 €
Encontro de Mulheres	3,77 €	4,53 €	5,00 €

(T) foi calculado na Tabela 2.

(D) é calculado multiplicando o valor unitário pela tiragem (T) e somando o valor do custo de manipulação (finalização). O orçamento final aprovado foi o da casa impressora “Animal Sentimental” (Nayara Siler), no valor total de 285€ pela impressão e envio das zines. Também foi acrescido o valor de 50€ para a manipulação (corte e acabamento) das 180 zines pelo fornecedor “Ana & Carvalho”, no Porto.

(P) é calculado por: $P = (B+C+D) - A$.

Tabela 3

Cálculo do preço final das zines “Mulher(es) de Borracha”, levando em conta as contribuições recebidas durante as oficinas, custos de envio pelos Correios e impressão.

O cálculo do preço final ao público foi feito levando em conta no que já foi pedido nas oficinas como ajuda de custo para impressão e envio pelos Correios, e os custos de produção das zines. Da tiragem total, nem todos os exemplares serão postos à venda. Por isso, o custo final para o público levou em consideração a impressão e postagem dos outros exemplares que não estarão à venda e uma margem de 20% de lucro para cobrir outros custos não incluídos inicialmente durante as oficinas (deslocamentos, impressão dos panfletos publicitários das oficinas, materiais comprados – borrachas, goivas etc. – e papéis utilizados pelos/as participantes). Na **Tabela 3** pode ser visto o processo de cálculo de preço final ao público e a influência de cada um dos fatores (postagem, impressão, doações etc.).

Finalização e acabamento

A técnica da risografia (RISO ou risograph) foi escolhida por ser um híbrido entre o *offset* e a serigrafia, sem ter, contudo, a necessidade de grandes tiragens da primeira técnica; e o custo da segunda. É possível obter um resultado que utiliza, à maneira da impressão *offset*, um sistema de separação de cores na própria saída de máquina, sem utilizar-se, entretanto (no caso deste projeto), de policromia. A impressão em uma única cor, nomeadamente um tom de azul (Medium Blue³⁸), dá ao produto final a reminiscência dos desenhos originais por se assemelhar ao azul dos carimbos das oficinas.

Dentre os fornecedores contactados para realizarem orçamento da impressão foi escolhido o que teve melhor preço e também rápida resposta em termos de atendimento. Foram contactados fornecedores no Brasil, Espanha e Portugal. Na **Tabela 4** estão listadas todas as gráficas que apresentaram orçamento para o projeto. Espero que essa divulgação seja útil para outas/os estudantes ou publicadores/as que vivem ou trabalham no Porto.

O custo médio de envio de Espanha para minha morada na cidade do Porto foi calculado como 30€, o que impacta o orçamento realizado por fornecedores de Salamanca, Valencia e Madrid. Entretanto, também se percebeu maior disponibilidade de atendimento das gráficas espanholas em termos de resposta aos *e-mails* e resolução de dúvidas técnicas. Por fim, a melhor relação custo/prazo de entrega foi a demonstrado pela gráfica “Animal Sentimental” (Nayara Siler, <<https://www.facebook.com/oanimalsentimental>>), com base em Caldas da Rainha/Portugal. Enfatizo que foram considerados pelo menos seis outros fornecedores, que, entretanto, não responderam aos contactos, ou não tinham disponibilidade para o trabalho. Desse modo, preferi por divulgar, na **Tabela 4**, apenas as gráficas com as quais de facto houve troca e comunicação. Gráficas que não enviaram orçamento ou que não

38 Há uma acervo *online* de correspondência de cores utilizadas na risografia e na policromia (CMYK) disponível em <<http://stencil.wiki/colors>>. A cor Medium Blue, em escala CMYK, corresponde a 87, 59, 0, 0 e faz parte do catálogo padrão de cores das impressoras Riso.

devolveram o contacto após 10 dias da primeira comunicação foram consideradas como sem interesse pelo projeto e descartadas como fornecedoras.

Fornecedor	País	Cidade	Contacto
Animal Sentimental	Portugal	Caldas da Rainha	oanimalsentimental@gmail.com
Duo Design	Portugal	Porto	duodsgn@gmail.com
Entrecampo	Brasil	Belo Horizonte	contato@entrecampo.com.br
Raum Press	Espanha	Salamanca	contact@raumpress.com
Risotrip	Brasil	Rio de Janeiro	risotrip@gmail.com
Sandwich Mixto	Espanha	Madrid	quieroun@sandwichmixto.com
Tutiplen	Espanha	Valencia	hola@tutiplenpress.com

Tabela 4

Lista de fornecedores de impressão em risografia (em ordem alfabética) que enviaram orçamento para a impressão das zines “Mulher(es) de Borracha”.

Características físicas

As zines foram impressas em papel Arco Print Milk 120gr, sem distinção de gramatura entre capa e páginas interiores. O papel escolhido possui um tom amarelado, evitando que a leitura se tornasse cansativa. O método de finalização e acabamento escolhido foi a cozedura a meio realizada com máquina de costura. Esse processo foi realizado pelo fornecedor localizado à Rua do Sol, n. 80 (Ana & Carvalho), no Porto.

Organização do conteúdo das zines

As zines baseadas nas oficinas possuem uma estrutura de modo que se perceba que, ao mesmo tempo que cada uma das oficinas foi um momento único, também fazem parte de um projeto investigativo. Para isso, organizei-as em: 1) capa; 2) conteúdos pré-textuais (agradecimentos, apresentação do projeto e introdução às zines); 3) índice; 4) desenhos e textos dos/as participantes; 4) ficha técnica e créditos dos projetos; 5) contra-capas (ou 4ª capa).

Capa

Todas as capas contêm o nome do projeto (em destaque) e dos/das participantes cujos desenhos fizeram parte da zine, o meu como responsável pela edição. Para facilitar a distinção entre as zines, contém também a instituição/evento e a data de realização da oficina que originou os desenhos ali presentes. Em termos de conteúdo imagético, as capas possuem uma colagem formada por partes dos desenhos dos/as participantes, criando uma

composição única para cada capa e, ao mesmo tempo, obedecendo a uma mesma maneira de inserção das informações, de modo que se perceba que são partes de um projeto único (Figuras 52, 53 e 54). As colagens tencionam enfatizar a colaboração e construção conjunta da representação feminina. Utilizando partes de desenhos de participantes diferentes, cria-se uma espécie de *exquisite corpse*³⁹.

Conteúdo pré-textual

Chamam-se **páginas pré-textuais** aquelas que precedem o conteúdo de uma publicação. No caso das zines “Mulher(es) de Borracha”, são: Agradecimentos, Introdução ao Projeto, Introdução à Zine Colaborativa e Índice.

- » **Agradecimentos:** fez-se necessário um parágrafo de agradecimento ao início das zines pela rica contribuição dos/as participantes, a cedência dos espaços físicos e divulgação das oficinas pelos eventos em que esteve inserida e contribuições à edição pela professora Sofia Ponte.
- » **O Projeto “Mulher(es) de Borracha”:** introdução ao histórico do projeto e ao contexto oficial em que se deu a produção das imagens utilizadas nas zines (materiais utilizados, valor da inscrição, pergunta da oficina).

³⁹ *Exquisite corpse* foi uma técnica surrealista de construção de imagens e textos (“*Exquisite corpse*”, s/ data). De acordo com esse processo, cada parte de um corpo (daí o nome *exquisite corpse*) ou de uma narrativa são realizados por um dos/as participantes em uma reunião ou festa. Como as capas das zines “Mulher(es) de Borracha” não foram criadas *in loco* pelos/as participantes, o desenho resultante apenas em termos de resultado visual lembra os *exquisite corpse*. Em termos de método, o mais correto é tratar das capas como colagens.

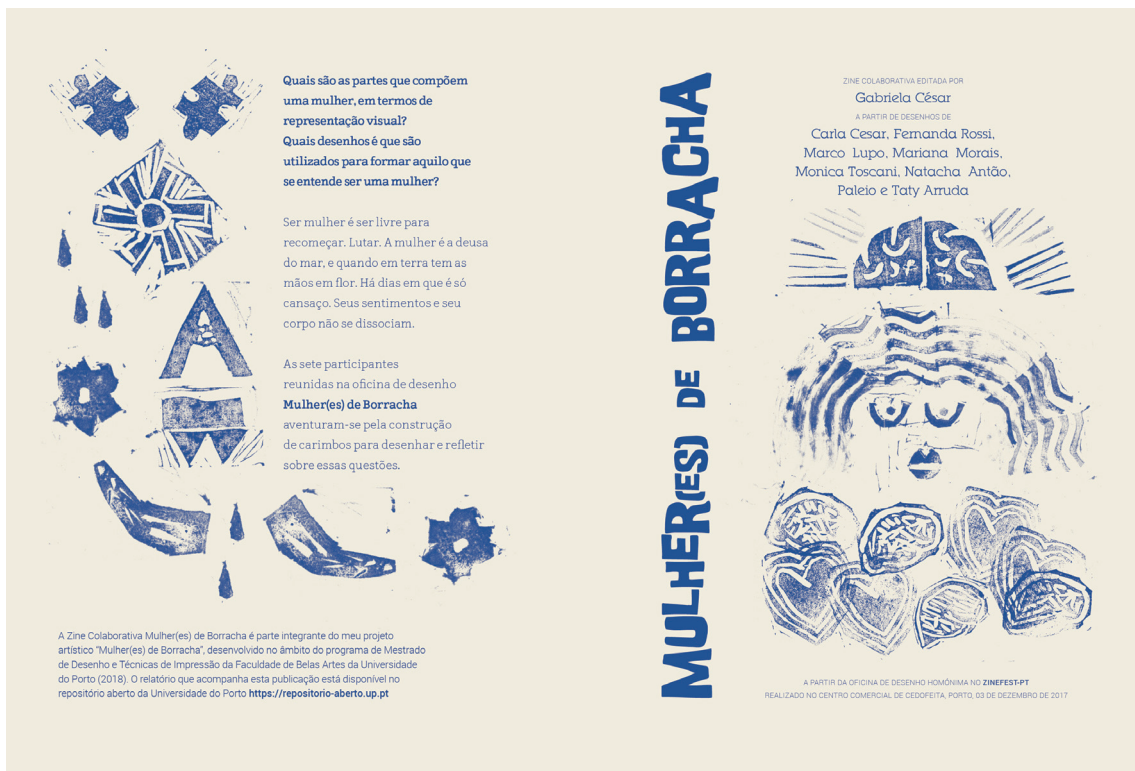


Figura 52

Capa (dir.) e contra-capas (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. 260 × 180 mm (formato aberto).

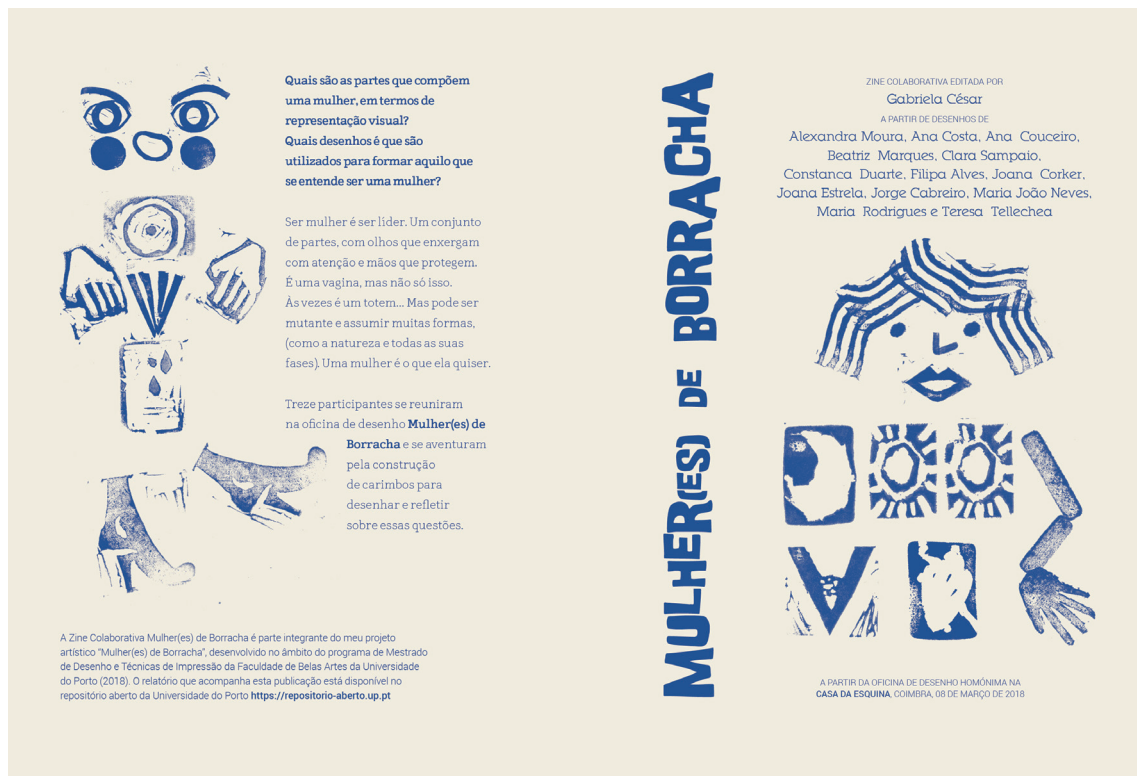


Figura 53

Capa (dir.) e contra-capa (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 260 × 180 mm (formato aberto).



Figura 54

Capa (dir.) e contra-capa (esq.) da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).

- » **Introdução à Zine Colaborativa:** por não ser uma mera documentação do trabalho oficial, foi necessário acrescentar uma curta explicação sobre o processo criativo das zines como objetos em si. O texto publicado pretendeu aclarar a edição das zines como uma colaboração de sentidos entre a paginação e as imagens surgidas nas oficinas.

Utilização das imagens dos/as participantes

A exemplo do que ocorreu na capa, nas páginas pré-textuais foram utilizados elementos dos desenhos de modo a interagir com os textos. Pormenores que muitas vezes se perdem durante a leitura da página como um todo foram, assim, recuperados para valorizar a sensibilidade estética presente nesses trabalhos. Podemos ver na **Figura 55** a página original de um desenho e seu uso na **Introdução à Zine Colaborativa** (**Figura 55a**).



Figura 55 (esquerda) e 55a (direita)

O desenho de uma participante aparece à esquerda (página 24 da zine) na composição original e à direita (página 4 da mesma zine) como uma composição vertical para a página de Introdução. Zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”. 130 × 180 mm (página simples).

Conteúdo pós-textual

Chamam-se **páginas pós-textuais** aquelas que aparecem após o término do conteúdo de uma publicação. No caso das zines “Mulher(es) de Borracha”, aparece no final das zines as suas **Fichas técnicas** (**Figuras 56 e 56a**), com as seguintes informações:

- » Local e dia de realização da oficina, *link* para as inscrições.
- » Valor em euros da contribuição (inscrição) de cada oficina.
- » Créditos da edição e da impressão (impressora, local e data).
- » Características do papel e tiragem.
- » *Link* para versão gratuita *online* das zines.



Figura 56 (esquerda) e 56a (direita)

O desenho de uma participante aparece à esquerda (página 7 da zine) e em composição realizada digitalmente à direita (página 19 da mesma zine) na Ficha técnica. Zine “Mulher(es) de Borracha – ZineFest-PT”. Dimensões: 130 × 180 mm (cada página).

Contracapa (ou 4ª capa)

Como a contracapa é uma das partes em evidência da publicação quando exposta, geralmente se opta por dar alguma ideia do quê se trata aquele impresso, ou, em alguns casos, publica-se uma pequena resenha sobre o mesmo.

No caso das zines “Mulher(es) de Borracha”, o texto da contracapa contém as questões fundamentais por trás das oficinas e do projeto de pesquisa homónimo (“Quais são as partes que compõem uma mulher, em termos de representação visual? Quais desenhos é que são utilizados para formar aquilo que se entende ser uma mulher?”). Também traz, de forma sucinta, um breve resumo das respostas textuais e imagéticas que surgiram em cada uma das ocasiões. A exemplo da capa, os retalhos de desenhos trazidos do interior das zines produzem um desenho novo, próprio de cada publicação, mas que ainda se pode perceber como parte de um todo (**Figuras 52, 53 e 54**).

Zine “Mulher(es) de Borracha”: projeto gráfico

O formato “aberto” da página (ou seja, a zine quando vista aberta, com as páginas lado a lado) é de 260×180 mm. Assim, mesmo que as zines sejam impressas em folhas de papel A4 (280×210 mm), e considerando uma margem de corte das figuras para fora da página, ainda seria uma zine passível da impressão “caseira” ou “faça-você-mesmo”. Assim, além da versão impressa, os/as participantes também possuem um PDF e podem imprimir a zine em casa.

Para manter uma paginação dinâmica e possibilitar que a mancha de texto não se estenda pela página inteira, decidi por utilizar quatro colunas verticais, com 4 mm de distância entre elas (Figura 57). As margens que delimitam o texto são todas baseadas na medida da distância entre colunas – a margem interna é de 16 mm, para impedir que os desenhos e a paginação sejam, durante a encadernação das zines, colapsados entre si por estarem demasiadamente próximos. A margem inferior também é de 16 mm para possibilitar o posicionamento do número de páginas (que se optou por manter para facilitar a remissão aos executantes dos desenhos). Para manter a proporcionalidade entre as margens, a margem externa é de 8 mm e a superior é de 12 mm.

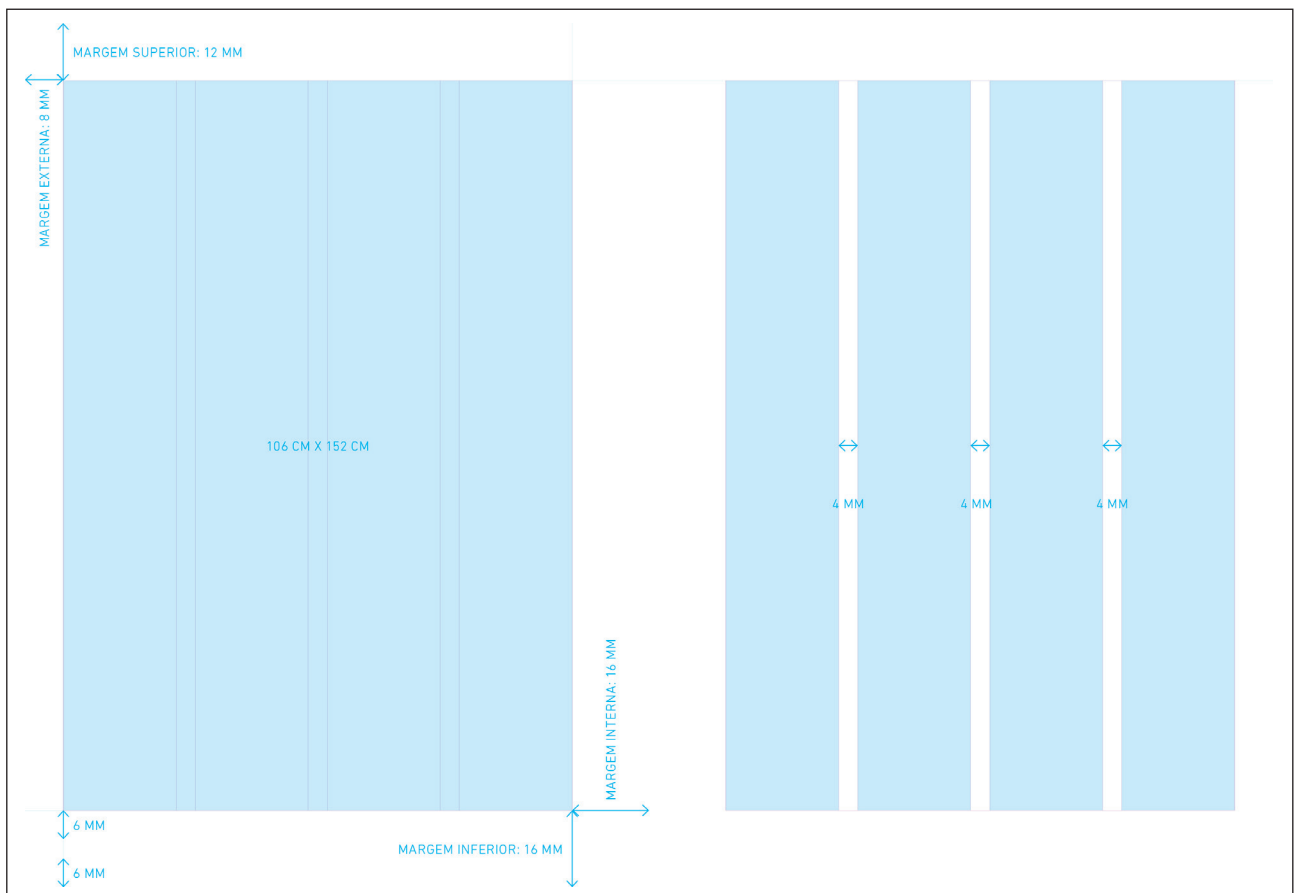


Figura 57

Exemplo do uso da mancha na página, colunas e distâncias internas da página da zine colaborativa “Mulher(es) de Borracha”. Tamanho original: 260×180 mm (formato aberto).

Charles Conover (2006b) aponta que o passo inicial para iniciar um projeto editorial de muitas páginas é precisamente definir o tamanho das margens e o número de colunas. O autor aponta, ainda, que é preciso levar em conta a materialidade do impresso ao definir as margens, especialmente as margens internas em objetos que possuem finalização em colagem. Quando aberto, o objeto deve ter margens internas seguras e que não comprometam a leitura dos elementos gráficos das páginas.

Como maneira de variar a paginação, e manter na mesma uma identidade gráfica dentro do mesmo livro/revista, Conover (2006b) sugere a utilização de múltiplas colunas, dependendo do tamanho da página. Quanto maior o número de colunas, maior a possibilidade de posicionamento dos elementos da página (Conover, 2006b). É possível ver na [Figura 57](#) o posicionamento das colunas dentro das margens das páginas das zines. Na [Figura 58](#) é possível visualizar o uso das colunas como recurso de paginação. Neste caso, por haver uma grande quantidade de texto, utilizei das colunas para dividi-lo e tornar a leitura mais harmônica. O uso de colunas é parte fundamental do processo de paginação por conferir uma coerência interna às publicações.

Foi considerada a opção de aplicar diretamente o texto manuscrito pelos/as participantes, mas a exemplo do que se vê na [Figura 59](#), por vezes o mesmo não possui legibilidade. Entendi melhor por reescrever todos textos na tipologia escolhida para as zines.

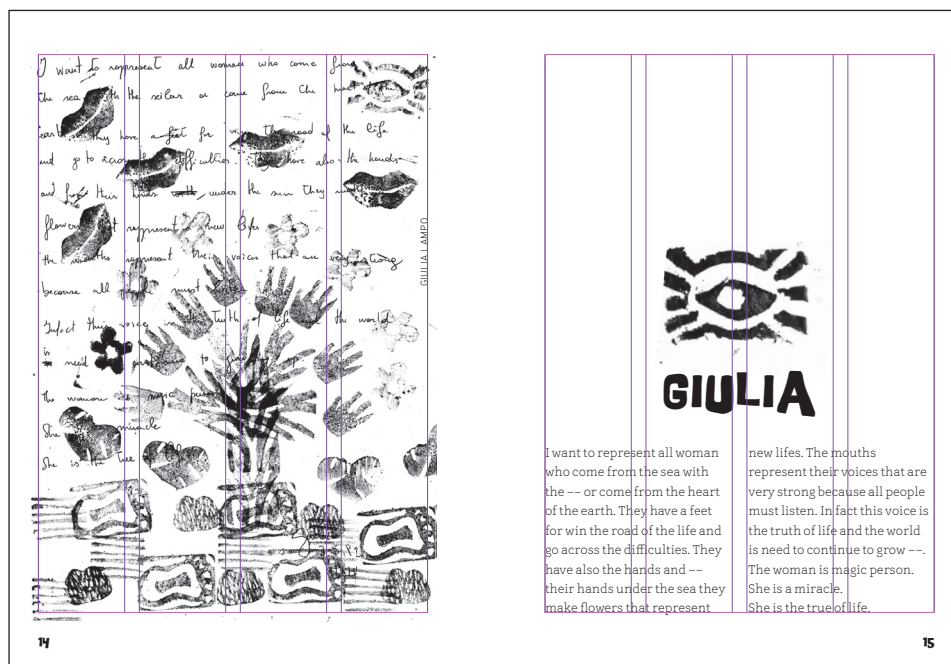


Figura 58

Exemplo do uso de colunas na zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”, páginas 14 e 15. 260 × 180 mm (formato aberto). Na imagens estão presentes as linhas-guia que indicam as colunas e margens das páginas.

Isso foi feito de maneira a interagir da melhor maneira possível com os textos, como é possível observar na [Figura 60](#): o texto foi re-escrito, mas o “T” de “Catherine” foi formado pelo desenho.

As poucas exceções deram-se quando o/a participante compôs a sua página de modo a de facto criar uma composição entre texto e desenho. Nesses casos, por haver uso do texto manuscrito como elemento de desenho, a mesma foi mantida pois entendi sua participação como parte do processo criativo do/a desenhador/a ([Figura 61](#)).



Figura 59



Figura 59 (detalhe)

O texto da participante do canto superior direito está quase sem nenhuma leitura. Portanto, o mesmo texto (“Mulher é vida, ternura, esperança, sonhos, alegria, arte.”) aparece na página anterior reescrito com a tipografia escolhida para o projeto. Páginas 18 e 19 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).

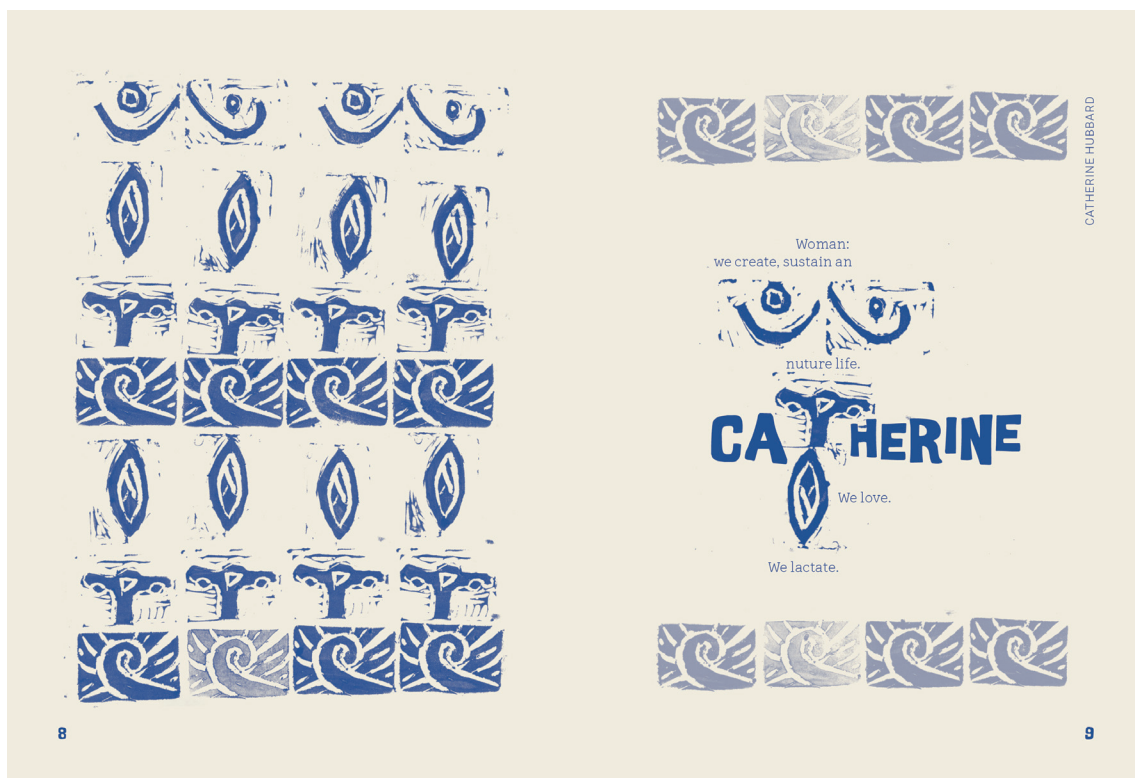


Figura 60

Exemplo do uso de paginação com texto re-escrito de maneira consoante com os desenhos e com a mensagem escrita. As zines não são uma simples documentação das oficinas, e sim de uma colaboração por meio de sua edição e paginação. Páginas 8 e 9 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).



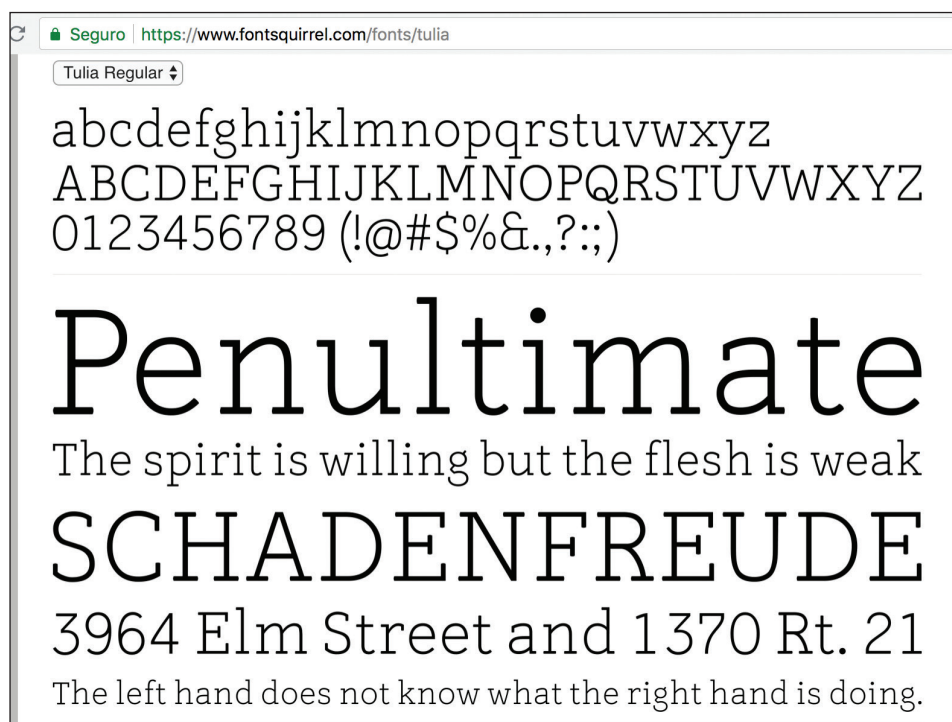
Figura 61

Neste caso, optei por manter o texto escrito pela participante por entender que a mesma havia tido o cuidado de compor a página, utilizando-se do texto também como um desenho. Páginas 20 e 21 da zine “Mulher(es) de Borracha – Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. 260 × 180 mm (formato aberto).

Em termos da escolha das famílias tipográficas⁴⁰ para as zines, dei prioridade àquelas disponíveis gratuitamente online⁴¹. A escolha da tipografia levou em conta o adequamento ao “tom do projeto” (Conover, 2006a, p. 40): ou seja, permitir a leitura dos textos sem sobrepular os desenhos. Assim, o elemento principal das páginas foi sempre o desenho, e o texto foi uma linguagem complementar a essa forma de expressão.

Um outro critério levado em consideração para a seleção das fontes foi evitar o uso de tipologias muito semelhantes entre si, a fim de não parecer que houve algum erro ou troca indevida de fontes, conforme Timothy Samara (2014). Portanto, para além de não escolher demasiadas variações ou tipografias, evitei que elas fossem muito semelhantes entre si. Em termos de legibilidade, Conover (2006a) sugere o uso de fontes sem serifa preferencialmente para trechos de texto que não sejam muito longos (p. ex.: legendas).

Escolhas das famílias tipográficas



40 Uma família tipográfica é o conjunto de variações (atributos de peso) de um tipo (Conover, 2006a). Por exemplo, a família tipográfica Tulia, como veremos mais adiante, é composta pelas poucas variações: Tulia Regular, Tulia Italic e Tulia Bold.

41 Alguns websites (p. ex.: Font Squirrel, DaFont, Google Fonts) possuem boas opções de fontes para download gratuito. No website Font Spring (<www.fontspring.com>), há algumas poucas opções gratuitas, cuja família completa só se consegue descarregar mediante pagamento. Vale sempre conferir os caracteres especiais disponíveis antes de escolher uma família tipográfica.

Figura 62
Captura de tela da página da família tipográfica Tulia, desenhada por Rebekka Marleaux. Disponível em: <<https://www.fontsquirrel.com/fonts/tulia>>

Tulia Regular, formato OTF, 9,5 pt / 15 pt

A escolha pela família tipográfica Tulia (Figura 62) para o corpo de texto foi por possuir uma serifa do tipo *slab*, com boa legibilidade (“altura x” da fonte em bom tamanho, ver Figura 63), e glifos em todas as letras. Essa última característica foi essencial para a escolha dessa fonte, pois foram indispensáveis os acentos utilizados na língua portuguesa para a paginação dos textos.



Figura 63

A “altura x” de um tipo é definida a partir da distância entre a linha-base e a altura dos elementos em minúscula desse mesmo tipo (Conover, 2006a). Pode-se observar, na figura acima, que a fonte Tulia Regular (98 pt) possui uma altura x que favorece a legibilidade mesmo quando utilizada em menor tamanho.

O uso da serifa ajuda a leitura à medida que cria a sensação de uma linha horizontal de apoio ao texto (Conover, 2006a). O tipo que contém *slab serif* também pode ser considerado um “híbrido” entre a “apresentação arrojada de uma tipografia sem serifa”, sem deixar de possuir a “horizontalidade de uma tipografia serifada”. (Samara, 2006, p. 8-9). Por possuir serifas com a mesma espessura que o resto do desenho das letras, considera-se essa tipologia bastante consistente.

A falta de contraste interno do desenho das famílias tipográficas que possuem *slab serif* (ou seja, possuem, nas serifas, linhas da mesma espessura que o desenho do resto das letras) remete ao seu espírito racional e informativo. Bruce Willen e Nolen Strahls (2009) remetem os primeiros usos gráficos de tipografias *slab serif* ao início do século XIX para a sinalização e em peças publicitárias.

Curiosamente, as palavras-chave utilizadas pela plataforma online *Font Squirrel* para categorizar a família Tulia são “Conservative, Contemporary, Corporate, Humanist, Masculine, Neutral”. Durante a busca que resultou na escolha da família tipográfica Tulia para o corpo de texto das zines, utilizei como palavras-chave “*slab serif*” e “design contemporâneo”.

Good Girl, formato TTF, 36 pt

A tipografia Good Girl, disponível no *website DaFont*, não possui glifos nem distinção entre maiúsculas e minúsculas (Figura 64). Isso torná-la-ia uma má escolha para qualquer publicação em língua portuguesa. Entretanto, o desenho das letras de maneira irregular possui uma visualidade que remete ao resultado dos carimbos com borrachas e ao espírito “faça-você-mesmo” de todo o projeto “Mulher(es) de Borracha”. Portanto, nos sítios onde houve falta de acento ou cedilha, foram improvisados com elementos gráficos da

mesma tipografia. Para isso, hífen rotacionados viraram acentos agudos e cedilhas, e a letra “s”, com algum ajuste, virou um til. Na plataforma DaFont, Good Girl está listada no estilo “Cartoon”. Por ser uma tipografia menos astera, ela confere um tom descontraído e mais conforme o contexto informal das oficinas.

Ponsi Rounded Slab Regular, formato OTF, 16 / 20 pt

Para títulos de menor tamanho, foi necessário arranjar à fonte Good Girl uma contrapartida que balanceasse o seu peso em página. A alternativa que encontrei para isso foi utilizar da Ponsi Rounded Slab⁴². Mesmo sendo outra fonte com *slab serif*, possui serifas arredondadas e com cariz mais decorativo. Assim, por mais que fosse uma tipografia do mesmo nicho que a Tulia, ainda teria mais destaque do que esta e não se confundiria pelo seu uso escasso, apenas em títulos (Figura 65). Além disso, seu uso foi sempre feito de maneira a não dividir muitos espaços em comum com a família tipográfica Tulia; e a ocorrerem sempre em corpo com tamanhos muito distintos entre si.

42 A família tipográfica Ponsi Rounded Slab Regular foi desenhada pela Typefaith Fonts e está disponível para download em: <<https://www.fontspring.com/fonts/typefaith-fonts/ponsi-rounded-slab/ponsi-rounded-slab-regular>>.

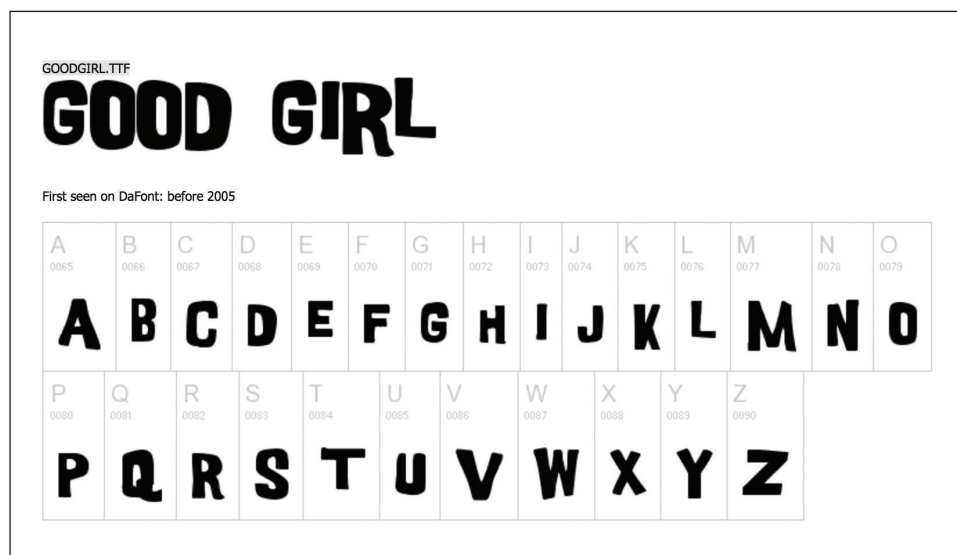


Figura 64

Captura de tela da página da família tipográfica Good Girl, desenhada por Cathy Davies. Disponível para download em: <<https://www.dafont.com/good-girl.font>>.



Figura 65

Detalhe da página 4 da zine “Mulher(es) de Borracha – Casa da Esquina/Coimbra”, evidenciando a combinação entre as fontes Good Girl e Ponsi Rounded Slab Regular no título. Tamanho original: 130 x 180 mm (página simples).

Roboto, formato TTF, 8 pt a 5 pt

Para trechos de texto mais curtos, principalmente em tamanhos menores que 8 pt (créditos de imagens, legendas, remissão a *web-sites* etc.), escolhi uma fonte sem serifa. A fonte Roboto possui variações Light e Thin para tornar sua leitura simples e agradável. Seu formato geométrico e legibilidade foram os fatores principais de escolha (Figura 66). Também levei em conta que não causaria conflitos dentro do projeto por não ser conflitante com a escolha da família tipográfica principal (Tulia).

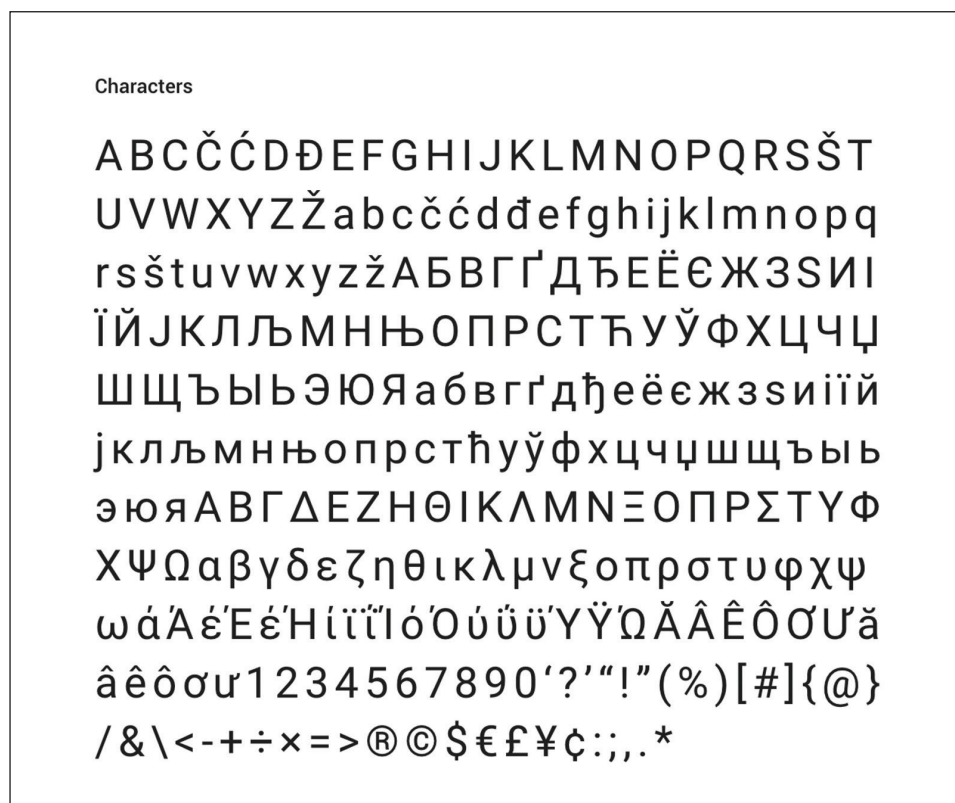


Figura 66

Página de caracteres da família tipográfica Roboto Regular, desenhada por Christian Robertson. Esta tipografia possui uma “altura x” que favorece a leitura, mesmo quando os caracteres estão em tamanho muito diminuído. Disponível para *download* em: <<https://fonts.google.com/specimen/Roboto>>.

A exposição “Mulher(es) de Borracha”

O presente capítulo trata da organização e planeamento da exposição documental “Mulher(es) de Borracha” a ser realizada no espaço Banca Paisagem, no Porto, entre 12 a 22 de Outubro de 2018.

Índice interno

Apresentação da proposta de exposição	55
Utilização do espaço da Banca Paisagem	57
Texto e folha de sala	60

O espaço Banca Paisagem (Rua Padre Luis Rodrigues, 129) está localizado no Bairro da Bouça, próximo ao metro da Lapa, no Porto (Figuras 67 e 68). A sua localização é privilegiada: é possível ver a montra desde a paragem do metro e o Bairro da Bouça é um marco arquitetónico da cidade⁴³.

43 A implantação da Banca dá-se junto ao muro que “protege” (Sobetchi, 2014) os moradores do local dos ruídos do metro. Há um documentário de 52 mins. disponível *online* sobre o Bairro da Bouça: <<https://youtu.be/M7ZYk4hTeU>>.



Figura 67

Vista da montra da Banca Paisagem da estação de metro Lapa. Fotografia da autora.



Figura 68

Localização da Banca Paisagem em relação ao metro Lapa e ao Bairro da Bouça (Porto). Captura de imagem do Google Maps.

No *website* da Banca, o texto de descrição da mesma define-a como “um espaço colaborativo destinado a divulgar arte impressa e publicações independentes situada na cidade do Porto” (“Banca Paisagem”, 2018). Para além de um acervo fixo de zines à venda,

a Banca tem como finalidade explorar o uso de seu espaço físico com exposições temporárias e feiras de publicações, além de lançamentos de zines.

O espaço da Banca é um desdobramento do Festival Paisagem de Impressões, que ocorre anualmente na cidade de Vinhedo (São Paulo/Brasil). Seu caráter transnacional, embora lusófono, permite trocas de publicações entre os dois países. A curadoria realizada por Carol Bampa, responsável pela Banca Paisagem, faz com que circulem entre Porto e Vinhedo uma série de publicações independentes produzidas nas duas cidades.

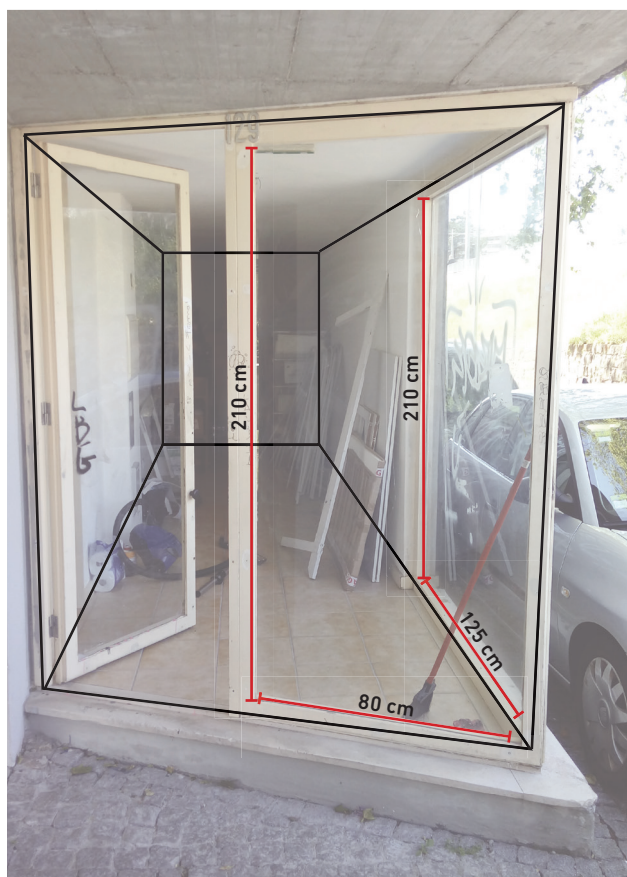


Figura 69

Vista frontal da Banca Paisagem com medidas aproximadas das montras. Fotografia da autora.



Figura 70

Espaço interno da Banca Paisagem, com bancada de aprox. 70 x 180 cm. Fotografia da autora.

Apresentação da proposta de exposição

Foi por meio da curadoria de zines para a Banca Paisagem que Carol Bampa teve contacto com a minha publicação *Deixe-me entrar* (Editora Sapatapress, 2018). A proposta pensada inicialmente por Carol foi de expôr os originais dessa zine em maio de 2018. Entretanto, como os originais da mesma são parte de um caderno de desenhos em pequeno formato, não me pareceu adequado para o espaço expositivo. O objeto original em si

não possui condições de explorar aquela narrativa sem o manuseio (o que, dado à condição do caderno, iria danificá-lo). Propus, então, que a zine *Deixe-me entrar* fizesse parte da Banca e do Festival Paisagem apenas como publicação. Considerando que as zines do projeto “Mulher(es) de Borracha” já se encontravam em produção à época, e que possuíam considerável material documental, sugeri que fosse levado em consideração o projeto de exposição “Mulher(es) de Borracha”.

Muito embora as defesas do título de Mestre na Faculdade de Belas Artes do Porto disponham do espaço museal da própria instituição para a defesa dos projetos de ordem prática, decidi por abdicar da exposição coletiva. Junto do trabalho dos meus colegas, na exposição final do curso, haverá um cartaz autoral relativo ao projeto (ver adiante, na projeção expográfica) e a folha de sala da exposição realizada na Banca Paisagem. A ideia é que os/as visitantes do museu tenham um contacto inicial com o projeto “Mulher(es) de Borracha” e sejam convidados/as para conhecer a Banca Paisagem.

A escolha do sítio de exposição deu-se pelo ambiente proposto pela Banca de curadoria e exposição de zines. Assim, o material documental estaria inserido mais próximo de outros expoentes da cultura “faça-você-mesmo”, uma situação que seria impossível no museu. Como um dos grandes objetivos do trabalho foi a colaboração com os/as participantes da oficina, pareceu-me sensato que a escolha de lugar de exposição também pudesse ser um local de fácil acesso, próximo a uma estação de metro.

O preço de venda das zines (ver, no capítulo anterior, [Tabela 3](#), p. 38) foi pensado para ser razoável com uma venda para qualquer tipo de público: o espaço de museu impediria que essa troca ocorresse diretamente. Por fim, na Banca Paisagem estarão presentes zines e outras publicações independentes de outros artistas de Portugal e do Brasil. Penso que a convivência do material colaborativo do projeto “Mulher(es) de Borracha” encaixa-se melhor em um ambiente multicultural e transnacional do que no espaço do museu. Não necessariamente esta será a única forma de exposição do projeto. Entretanto, considerando que a exposição final dos alunos da Faculdade de Belas Artes não tem a convivência com outras zines, modifiquei meu plano expositivo final para a Banca Paisagem. O mesmo plano de exposição poderá vir a ser reeditado posteriormente caso a exposição ocorra em outras situações, mas levando sempre em conta: 1) o tipo de local, dando prioridade para espaços não-institucionais; 2) a presença de materiais impressos como parte da exposição, e não apenas como material de apoio ao exposto em sala.

Utilização do espaço da Banca Paisagem

O espaço disponibilizado para a exposição é composto por:

- » Duas montras, sendo uma frontal (Figura 69) e uma lateral (Figura 72). Considerando que há quase sempre veículos estacionados junto à montra lateral, a mesma poderá ser ocupada levando em conta apenas o espaço superior. Uma nota importante sobre a utilização das montras é que é através delas que entra a maior fonte de luz do espaço. Dessa maneira, qualquer utilização deverá levar isso em consideração tendo em conta o funcionamento energético da Banca Paisagem.
- » Uma bancada contínua em madeira (Figura 70) cujo tamanho total é de 70 × 180 cm (aprox.).
- » Parte da parede sobre a bancada (Figura 70), cuja medida aproximada é de 120 × 180 cm.

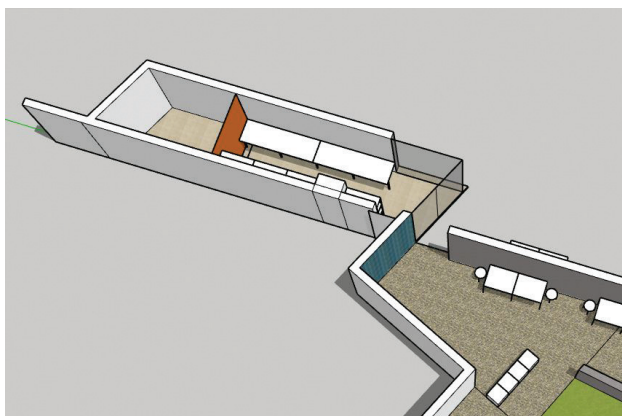
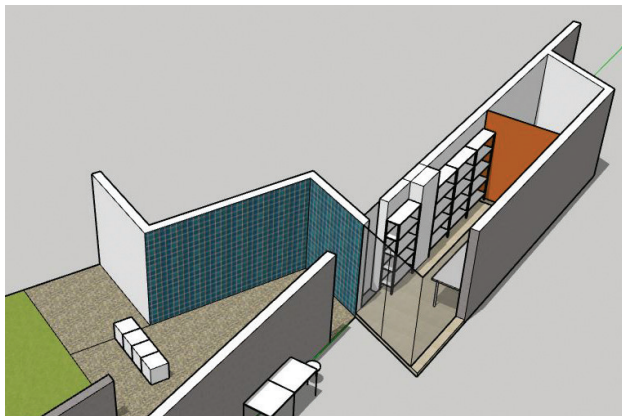


Figura 71

Plantas da Banca Paisagem. Imagens: divulgação/Banca Paisagem.



Figura 72

Vista lateral da montra da Banca Paisagem, com posicionamento da mesa. Fotografia da autora.

Como o principal objetivo da exposição é documentar o projeto “Mulher(es) de Borracha”, a principal função expositiva é tornar

visíveis elementos processuais e etapas da investigação que normalmente passam despercebidos a quem só tem contacto com o produto visual final (zine). Para isso, o espaço da mesa (70 × 180 cm, aprox.) será dividido em três partes, da esquerda para a direita, representando as fases da investigação “Mulher(es) de Borracha”:

- » **Fase 1: projeção da investigação.** Os materiais expostos documentam a investigação de materiais e busca por referências para a criação da base teórica do projeto “Mulher(es) de Borracha” (Figura 73). Também acompanha uma mini-biblioteca de consulta com alguns dos livros e zines utilizados durante esse processo (Figura 74). Aos visitantes será permitido levar emprestado um exemplar, pela duração de uma semana.



Figura 73
Materiais de estudo e projeção da investigação “Mulher(es) de Borracha”: anotações, estudos de material, compras de materiais, realização de desenhos preliminares.

- » **Fase 2: comunicação e realização.** Esta fase conta com a presença de alguns dos cartazes de comunicação da oficina do ZineFest-PT (Figura 75). Também serão expostos os materiais de teste das oficinas e carimbos (Figura 76). Alguns dos/as participantes não quiseram levar consigo os carimbos que criaram. Esses carimbos estarão expostos para se possa perceber como foram realizados os desenhos. Aos visitantes será permitido fazer teste dos carimbos disponíveis em rolos de papel branco (mesmo material utilizado durante as oficinas).



Figura 74
Mini-biblioteca da exposição “Mulher(es) de Borracha”. Os/as visitantes poderão levar para si um dos livros pelo prazo de uma semana após preencherem uma ficha de empréstimo.



Figura 75
Materiais de teste da investigação “Mulher(es) de Borracha”: borrachas transformadas em carimbos, papéis de teste, tinta azul de carimbo, goivas de gravura. Também serão expostos os cartazes comunicativos das oficinas (na figura ao lado, vê-se o cartaz da oficina realizada no ZineFest-PT).



Figura 76
Materiais de teste da investigação “Mulher(es) de Borracha”: borrachas transformadas em carimbos, papéis de teste e tinta azul de carimbo.

- » **Fase 3: finalização e montagem.** Serão selecionados alguns dos desenhos finais realizados pelos/as participantes para constar como referência para os/as visitantes, ao lado de sua versão editada nas zines. Os desenhos originais deverão ficar numa pasta do tipo com arquivos suspensos (Figura 77), em que os índices dos arquivos remetam às páginas nas zines. Assim, é possível que se perceba melhor o processo de edição da mesma, comparando alguns desenhos antes e depois do processo de paginação. Também estará presente uma das “bonecas” das zines – ou seja, uma das impressões experimentais da mesma.



Figura 77
Pasta de suspensão de arquivos (modelo). Medidas: 330 × 240 × 315 mm. Fotografia: Staples.pt. Disponível em: <<https://www.staples.pt/elba-pasta-suspens%C3%A3o-330x240x315-pk10/cbs/403458.htm>>.

Para a parede, serão utilizadas três impressões de um cartaz (30 × 40 cm) de minha autoria. Os cartazes representam uma imagem que resume o meu aprendizado como mediadora das oficinas “Mulher(es) de Borracha”. Cada cartaz (Figura 78) foi impresso em método serigráfico em uma tiragem limitada de 50 exemplares. A tinta escolhida foi o tom de azul mais próximo dos carimbos originais, e o papel é a única variação dentre as versões que estarão em exposição. O número da tiragem foi escolhido em concordância com a tiragem das zines (60 exemplares de cada zine, 50 cartazes em serigrafia). Os cartazes e as zines estarão à venda durante a exposição.

Texto e folha de sala

Por ser uma exposição documental com alguma possibilidade de interação entre os visitantes e o material disponível, a folha de sala deverá conter esclarecimento sobre tal característica.

Também devem constar na folha de sala os créditos dos desenhos utilizados e dos espaços participantes, para além da descrição e valor (quando houver) de venda dos materiais. Abaixo está reproduzido o texto da folha de sala da exposição:

“Quais são as partes que compõem uma mulher, em termos de representação visual? Quais desenhos é que são utilizados para formar aquilo que se entende ser uma mulher?”. Essas são duas das várias perguntas que motivaram o desenvolvimento deste projeto de pesquisa e a organização das oficinas de desenho “Mulher(es) de Borracha”.

A exposição **Mulher(es) de Borracha** está organizada em três partes:

I) investigação teórica e teste de materiais; II) oficinas práticas e comunicação do projeto; III) realização dos desenhos e edição da zine colaborativa. No espaço expositivo é possível realizar esse percurso e acompanhar o desenvolvimento processual da pesquisa. Se desejar:

1. Preencha a folha de empréstimos para levar para casa um dos livros ou zines disponibilizados/as pela artista. Prazo máximo de empréstimo: 1 semana.
2. Realize um teste com os carimbos disponíveis em algum dos papéis específicos para tal fim.
3. Compare os desenhos realizados pelos/as participantes das oficinas e as zines publicadas a partir desse material.

O que é ser uma mulher é algo demasiadamente grande para ser representado em um só desenho. Que se façam muitos, tantos quantos forem necessários. Assim nos lembramos da diversidade possível para a representação feminina.

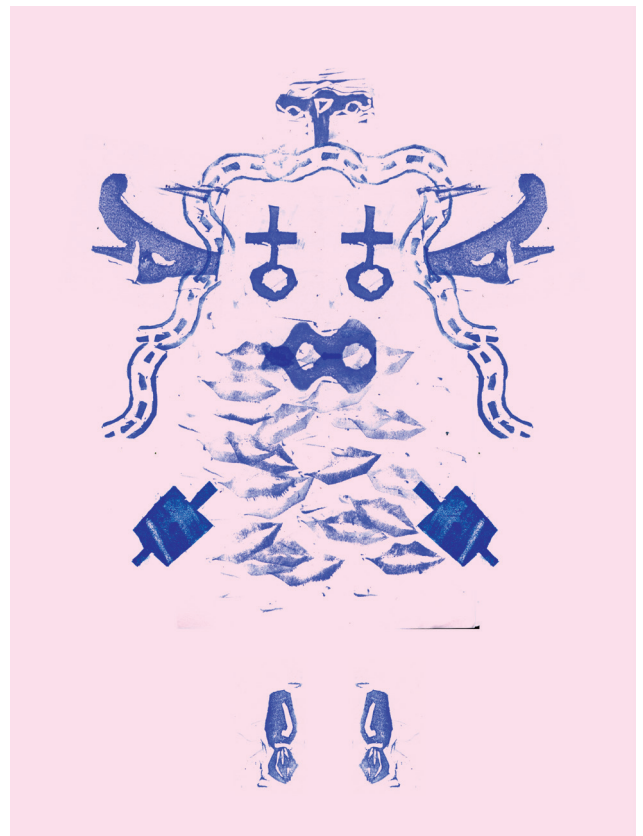


Figura 78
Cartaz “Feminista de Borracha”, 30 × 40 cm, impressão serigráfica (tinta azul sobre papel cor-de-rosa). Tiragem: 50 exemplares.

Considerações finais

O espaço oficial como ambiente de troca e mediação, a partir de uma proposta o mais horizontal possível, possibilitou a troca e a conversa direta com os/as participantes das oficinas durante as atividades. A tarefa que as pessoal inicialmente tinham como a mais difícil (transformar as borrachas em carimbos) provou-se fácil frente ao questionamento sobre a representação da mulher. A diversidade de respostas, e os textos que as acompanharam, foram gratificantes por demonstrarem o quão complexa é a pergunta da oficina. Vale ressaltar que, sendo um espaço oficial fora das instituições, a proposta pedagógica utilizada serve como linha diretriz, e muito provavelmente teria mais desafios para uma turma de educação continuada. Há situações que, em uma oficina de 2h30, são tratadas com relativo desembaraço (participantes falantes de outras línguas, presença de crianças). Contudo, é preciso ponderar que seria diferente lidar com as mesmas questões na educação formal, principalmente em formação continuada.

Como indicações necessárias para o planejamento das próximas oficinas, há que se considerar: 1) roteiro de execução e formulário de inscrições bilíngue; 2) escolha de espaços que obrigatoriamente tenham condições de acolher crianças caso seja preciso trazê-las. Um exemplo deste último item foi o evento “Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam”. Em termos de execução técnica da oficina, como ocorreu na versão Piloto (ver *Oficina Piloto*, p. 10), uma prescrição para oficinas futuras é de assegurar meios de digitalizar e devolver os desenhos originais de maneira mais rápida e eficiente. Devido a problemas técnicos com a *scanner*, nesse caso pontualmente, os únicos registros dos desenhos da oficina são as fotografias do dia. Aponto duas soluções possíveis: alertar aos/às participantes de que todos os desenhos resultantes ficarão em minha posse e serão devolvidos em um prazo combinado entre as duas partes; ou realizar uma edição *in loco* das zines que torne dispensável a digitalização dos desenhos.

A alteração na pergunta da oficina (ver *Mudança da questão central da oficina*, p. 15) indicou resoluções, por parte dos/as

participantes, menos focadas em uma narrativa ficcional sobre uma personagem e mais próximas de uma tentativa de definir como é (ou poderia ser) a representação da mulher. A perpetuação da questão **“O que, num desenho de uma mulher, define que ela é uma mulher?”** como uma condição impossível de *uma* só resolução foi um dos resultados mais satisfatórios da oficina. Parece-me imprescindível que nem todas as questões sejam passíveis de resposta, principalmente no plano das práticas artísticas. Não obstante, essa mesma questão sobre o desenho e representação feminina carece de continuar a ser trabalhada. As oficinas são apenas uma das maneiras pelas quais se pode fazê-lo. A minha recomendação – como artista, como editora, como mediadora de oficinas, como mulher – é que se insista nisso. Não me parece que haverá uma resposta única e definitiva, e sim muitas maneiras de abordar este problema com interdisciplinaridade e buscando acolher **todos os jeitos de ser e de representar a mulher.**

A análise dos desenhos resultantes das oficinas fez possível estabelecer alguns padrões de representação (e, consequentemente, de pensamento) da mulher: é um ser entre a razão e a emoção (**Figuras 18 e 19**). Está intrinsicamente ligada ao ciclo da natureza (**Figuras 24 e 26**), e possui seus próprios ciclos internos. Em termos de elementos naturais, flores e folhas (**Figuras 20, 28, 30 e 31**) e o mar (**Figuras 22, 23 e 28**) foram os ícones que se repetiram na representação do feminino. Houve mais desenhos figurativos do que abstratos, entretanto alguns/mas participantes aventuraram-se a criar carimbos com padrões e estampas (**Figuras 33 e 38**). Dentre as funções exercidas pelas mulheres representadas nos desenhos, destaco a função de cuidados, seja da família ou dos filhos (**Figura 21**). Não passa despercebido, entretanto, que isso seja um acúmulo de funções (**Figura 40**). A figura da mulher também foi relacionada à luta (**Figuras 43 e 45**) e à força, seja para a manutenção de uma rotina cheia de afazeres, seja pela luta por justiça e igualdade (**Figura 39**). Surgiram também representações que interpretam a mulher como um totem (**Figuras 27 e 48**), uma soma de vários fatores culturais e sociais (**Figuras 34, 40 e 50**). O fator de uma mulher poder escolher quem ela é aparece também dentre as possibilidades representativas (**Figuras 35, 48 e 49**).

Não é o objetivo deste trabalho de esmiuçar o porquê dessas diferentes representações, e sim permitir que elas sejam expressadas da melhor maneira possível, e sejam divulgadas na zine colaborativa. Para a questão proposta **não havia uma maneira certa ou errada de trabalhar, apenas as representações que fazem parte de cada um/a dos/as participantes.** Foi de maneira muito grata que recebi todos os desenhos, e ainda mais satisfeita por estar presente na provocação da realização dessas imagens.

É curioso depreender que cada uma dessas imagens já existia dentro dos/as participantes, e a oficina foi apenas uma ferramenta para instigar essa manifestação por meio do desenho e dos carimbos. Tendo a oficina decorrido também de um questionamento surgido em um projeto pessoal de desenho com carimbos, não deixo de compreender as oficinas como um trabalho de prática artística comunitária em torno do mesmo tema. Essa percepção aumenta quando levo em consideração o trabalho mútuo do desenvolvimento das zines.

As publicações, inicialmente pensadas para serem apenas a manifestação física dos resultados das oficinas, acabaram por se tornar um braço criativo deste projeto. Durante a paginação, utilizei dos desenhos como parte essencial da narrativa das zines, e não meramente como elementos documentais ou ilustrativos. Esta colaboração permitiu-me compreender melhor os desenhos e notar semelhanças e repetições iconográficas. Para as zines “Mulher(es) de Borracha”, qualquer *layout* que não permitisse uma interação entre texto e imagem de maneira a adicionar ao significado dos desenhos seria um desperdício de oportunidade.

O registro, na componente escrita, do projeto editorial e gráfico da zine foram um processo inédito para mim. Muito embora tenha trabalhado há aproximadamente dez anos como *designer* de livros e de materiais impressos num geral, há uma grande diferença entre realizar uma tarefa dessas *dentro* e *fora* da lógica de mercado. Como publicação independente, e (neste caso) de cunho altamente pessoal, a edição das zines “Mulher(es) de Borracha” foi um dos pontos mais desafiadores. A experiência como *designer* neste caso foi tecnicamente útil, mas adicionou a inevitabilidade de justificativa e registro de todas as escolhas editoriais e gráficas.

Soma-se a isso a parte de produção gráfica (escolha do modo de impressão, tiragem, custos de produção e determinação do preço final de venda), que nem sempre estão atribuídos a um/a *designer* quando ele/ela faz parte de um projeto editorial inserido no mercado do livro. Como produção independente, as zines exigiram de mim uma multiplicidade de papéis: criar o conteúdo textual, paginação, tratar de orçamentos com gráficas etc.. Ainda que desafiadora, esta soma de responsabilidades fez com que a minha apreciação pessoal do resultado final do impresso fosse muito maior. Quaisquer erros e acertos nesse sentido servem de imediato aprendizado para o meu trabalho como editora de zines e publicadora de materiais independentes. Fugir à lógica de produção industrial, nesse caso, é uma posição tanto política quanto (duramente) pessoal.

As tabelas e anexos apresentadas na componente escrita podem ser de alguma utilidade para quem deseja publicar uma zine. Desde o contacto de fornecedores para impressões em processo risográfico (ver [Tabela 4](#), p. 40) até o do cálculo de tiragem e do preço de venda das zines ([Tabela 2 e Tabela 3](#)). Entretanto, não há, no universo das zines, um modelo a ser seguido. Ficam aqui registradas as minhas colaborações a partir da experiência com as zines “Mulher(es) de Borracha”.

Por fim, espero que o espaço expositivo corresponda à expectativa de inclusão das zines como agregadoras de conhecimento às práticas artísticas colaborativas. A função de documentação do projeto é desdobrá-lo para além do âmbito pessoal e autocentrado muito comum quando se trata de pesquisa em arte. Também é uma experiência de compartilhamento de lugares: na exposição estarão presentes o meu trabalho como investigadora e os carimbos e desenhos criados pelos/as participantes. O pensamento por trás da escolha da Banca Paisagem pretende abrir caminhos para que mais artistas reflitam a necessidade de exporem em espaços museais e institucionais, e qual o papel de sua produção dentro desses contextos. No caso específico da exposição “Mulher(es) de Borracha”, o entorno específico foi considerado um item fundamental do entrosamento do público com os materiais que documentam minha pesquisa. Por isso, contaram muito para a decisão pela Banca Paisagem a comodidade de ser um espaço regular de venda de zines e a sua localização geográfica.

Como desenvolvimentos futuros desta investigação, pretendo a transpor a oficina para outros cenários culturais e etários. Com o meu retorno para São Paulo, devo aproveitar da transnacionalidade inerente ao projeto para ampliar o número de participantes e continuar a coleta e publicação das zines “Mulher(es) de Borracha”.

Referências Bibliográficas

- Banca Paisagem (2018). Acesso em: Ago., 2018. Disponível em: <<https://www.feirapaisagem.com/banca>>.
- Conover, C. (2003a). Designing with type. Em: *Designing for print : an in-depth guide to planning, creating, and producing successful design projects* (pp. 31-74). New Jersey: Wiley.
- Conover, C. (2003b). Planning your design. Em: *Designing for print : an in-depth guide to planning, creating, and producing successful design projects*. (pp. 13-30). New Jersey: Wiley.
- Daniels, R. (2014). “‘Shit-Good’ and Doing it Myself (With a Little Help of My Friends)”. Em: *D.I.Y (Do. It.Yourself.)* (pp. 6-13), Chichester: University of Chichester and Bootworks Theater.
- Davis, A. (2017). *Mulheres, cultura e política*. (H. R. Candiani, Trad.). São Paulo: Boitempo.
- Desvallées, A. & Mairesse, F. (2013). *Conceitos-chave de Museologia* (B. B. C. Soares, Marília Xavier, Trad.). São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura.
- Duncombe, S. (2008). Zines. Em: *Notes from Underground — zines & the politics of alternative culture* (pp. 6-21). Portland: Microcosm Publishing, AK Press.
- Exquisite corpse. (s/ data). Acesso em: Set., 2018. Em: Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Exquisite_corpse>.
- Fanzine (s/ data). Em: *Cambridge Advanced Learner’s Online Dictionary & Thesaurus*. Acesso em: Ago., 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/fanzine>>.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (25ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Hassler, K. (2017). On Gender Statistics in the Art Field and Leading Positions in the International Sphere. Em: *n.paradoxa — international feminist art journal*(39), pp. 48-55.

- hooks, b. (1994). *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge.
- Marsh, A. (2015). A Theoretical and Political Context. Em: H. Robinson (Ed.), *Feminism Art Theory* (2 ed., pp. 79-84). Oxford: John Wiley & Sons, Inc.
- Merriam-Webster (s/data). "Zine" in Dictionary. Acesso em: Ago. 2018. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/zine>>.
- Muniz Jr., J. d. S. (2017). 'É dia de feira': a cena dos microeditores na cidade de São Paulo. Artigo apresentado ao 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom. Acesso em: Mai., 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2659-1.pdf>>.
- Piepmeier, A. (2009a). Girl zines: making media, doing feminism. Em: *Why Zines Matter: Materiality and the Creation of Embodied Community*. (pp. 57-86). New York, London: New York University Press.
- Piepmeier, A. (2009b). Playing Dress-Up, Playing Pin-Up, Playing Mom: Zines and Gender. Em: *Why Zines Matter: Materiality and the Creation of Embodied Community* (pp. 87-122). New York, London: New York University Press.
- Pollock, G. (2010). Opened, Closed and Opening: Reflections on Feminist Pedagogy in a UK University. Em: *n.paradoxa — international feminist art journal*, 26(Feminist Pedagogies), pp.20-28.
- Rolnik, S. (2017). The Spheres of Insurrection: Suggestions for Combating the Pimping of Life. *e-flux Journal*. Acesso em: Dez., 2017. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/86/163107/the-spheres-of-insurrection-suggestions-for-combating-the-pimping-of-life>>.
- Salz, J. (2015). Where the Girls Aren't. Em: H. Robinson (Ed.), *Feminism Art Theory* (2 ed., pp. 62-63). Oxford: John Wiley & Sons, Inc.
- Samara, T. (2006). Typeface Classification. Em: *Type Style Finder: The Busy Designer's Guide to Choosing Type* (pp. 8-9). Gloucester, Massachusetts: Rockport Publishers.
- Samara, T. (2014). Choosing and Using Type. Em: *Design Elements: Understanding the rules and knowing when to break them* (2 ed., pp. 128-187). Beverly, Massachusetts: Rockport Publishers.
- Santos Neto, E. (2010). Reinvenção do Educador, Visualidade e Fanzinagem: Autoformação, Rigor e Criatividade na Perspectiva do Inacabamento Freireano. Em: *Debates em Educação*, 2(3/Jan.-Jun), 1-16.
- Schapiro, M. (1972). The Education of Women as Artists: Project Womanhouse. Em: *Art Journal*, 31(3), 268-270. doi:10.2307/775513.

- Schilt, K. (2003). "I'll Resist With Every Inch and Every Breath" – Girls and Zine Making as a Form of Resistance. Em: *Youth & Society*, Vol. 35, N. 1, p. 71-97.
- Schor, M., Amos, E., Bee, S., Drucker, J., Fernández, M., Jones, A., ... Wilding, F. (1999). Contemporary Feminism: Art Practice, Theory, and Activism — An Intergenerational Perspective. Em: *Art Journal*, 58, 8-29.
- Sno, M. (2015). *O universo paralelo dos zines*. São Paulo: TimoZine, Editora Timo.
- Sobetchi, V. (2014). Bairro da Bouça, ÁLVARO SIZA VIEIRA, Porto,pt. Acesso em: Ago., 2018. Disponível em: <<https://portugueseearchitectures.wordpress.com/2014/06/09/bairro-da-bouca-alvaro-siza-vieira-portopt>>.
- Willen, B., & Strahls, N. (2009). Systems & Typologies. Em: *Lettering & Type: Creating letters and designing typefaces* (1st ed., pp. 31-34). New York: Princeton Architectural Press.
- Women's Workshop of the Artist's Union. (2015). A Brief History of the Women's Workshop of the Artist's Union 1972-1973. Em: H. Robinson (Ed.), *Feminism Art Theory* (2 ed.). Oxford: John Wiley & Sons, Inc.
- Zine (s/ data). Em: *Cambridge Advanced Learner's Online Dictionary & Thesaurus*. Acesso em: Ago., 2018. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/zine>>.

Anexos

Via do/a Participante ()	Via da Pesquisadora ()
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Participação na Pesquisa “Mulher(es) de Borracha” no âmbito do Mestrado em Desenho na Faculdade de Belas Artes do Porto	
Pesquisadora: Gabriela Ribeiro César - (+ 351) 936 051 902, cestgabiloja@gmail.com Orientadora: Professora Sofia Ponte (FBA/UP)	
<p>1. Natureza da pesquisa: a participação nessa pesquisa que tem como finalidade investigar as representações da mulher na atualidade através da produção de uma zine feita a partir de carimbos de borracha desenvolvidos em parceria com os participantes do <i>workshop</i> “Mulher(es) de Borracha” realizada dia _____, das _____ às _____, no local _____.</p> <p>2. Participantes da pesquisa: participantes inscritos/as no <i>workshop</i> “Mulher(es) de Borracha” orientado pela pesquisadora Gabriela Ribeiro César (Gabriela César).</p> <p>3. Envolvimento na pesquisa: ao participar neste estudo autoriza a utilização dos desenhos e carimbos realizados para a composição da zine resultante. Esta zine será parte integrante da investigação de mestrado da pesquisadora acerca da representação feminina contemporânea no desenho com métodos colaborativo-participativos, e poderá vir a ser comercializada pela pesquisadora. Como contrapartida à sua participação obterá formação oferecida neste <i>workshop</i> e receberá duas cópias em papel da zine na morada que foi indicado no formulário de inscrição da oficina.</p> <p>Consentimento Livre e Esclarecido Tendo em vista os itens acima apresentados, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar nesta pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a utilização dos meus desenhos, bem como a divulgação dos dados obtidos neste estudo.</p> <p>Nome do/a participante: _____</p> <p>Nome para crédito na zine: _____</p> <p>Assinatura: _____</p> <p>Assinatura da pesquisadora: _____</p>	

Anexo 1

Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos/as participantes das oficinas “Mulher(es) de Borracha”.

Manifesto: Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam

As mulheres são mais de metade da humanidade. Em Portugal, representamos cerca de 52.6% da população residente. Somos o grande contingente das pessoas sem nenhuma escolaridade (71.2%), mas também as que mais concluíram o ensino superior (60.9%). Apesar de ter havido um ligeiro crescimento da partilha da licença de parentalidade, as diferenças continuam a ser gritantes: em cada 100 crianças que nasceram em 2015, houve 85,4% de mulheres que gozaram a licença de parentalidade e só 27,5% de homens partilharam essa licença.

Somos 34% das vozes na Assembleia da República, mas somo-lo não por uma evolução “natural” da sociedade, mas porque foi aprovada, em 2006, a Lei da Paridade, e não avançamos para lá dos mínimos impostos pela lei. O nível de diferenciação salarial é, em média, de 16.7%, ou seja, para trabalho igual temos menos dois meses de salário por ano. 53.6% das pessoas que ganham o salário mínimo nacional são mulheres. Somos quem mais trabalha a tempo parcial, com as consequências que essa situação tem nas pensões futuras. Os estudos dizem-nos que a maioria das mulheres que entre nós trabalha a tempo parcial o faz apenas porque não consegue trabalhar a tempo inteiro.

Somos nós quem continua a dedicar mais tempo às tarefas domésticas e de cuidado. Em média, trabalhamos em casa mais 1 hora e 45 minutos por dia do que eles. A pobreza continua a dizer-se no feminino, talvez por isso, nos últimos anos, o número de mulheres estrangeiras residentes tenha, comparativamente, crescido mais do que o de homens estrangeiros residentes. Somamos mais de metade das pessoas que beneficiam do Rendimento Social de Inserção.

Somos 80% das vítimas de violência doméstica e 90.5% das vítimas de crimes sexuais. Um em cada 4 jovens considera a violência no namoro normal, precisamente porque os comportamentos violentos e intrusivos não são reconhecidos como tal.

O assédio sexual no trabalho ou no espaço público entrou, finalmente, no debate social, pondo fim a anos de silenciamento, desvalorização e ridicularização das nossas denúncias. As denúncias tornadas públicas no último ano demonstram, de uma forma avassaladora, o que já sabíamos: o assédio sexual é uma forma bastante comum de exercício do poder no local de trabalho e um instrumento de subordinação feminina quando transforma o espaço público em espaço de desigualdade e violência.

A cultura da violação continua enraizada na sociedade, transformando a vítima em responsável pela

violência que sofreu: a forma como nos vestimos, os locais que frequentamos, as horas a que circulamos no espaço público continuam a servir de desculpa e atenuante para as violências que sofremos.

Percebemos que a democracia tem transformado o país e os modos de nele se ser mulher, mas concluímos também que a velocidade da mudança é demasiado lenta, quando pensamos que é das nossas vidas que se trata. Deste retrato do país emerge a urgência da transformação dos quotidianos. Com a organização do Encontro de Mulheres “Todas as Vozes Contam” pretendemos dar voz e ser voz dessa urgência impaciente, dessa vontade de acelerar o curso da história, dessa coragem de exigir o futuro agora.

Associamo-nos também à Greve Internacional de Mulheres convocada para 8 de março, apelando à greve ao trabalho doméstico não remunerado e às tarefas de cuidado.

Juntamo-nos porque queremos pensar os problemas, porque queremos ensaiar respostas e porque queremos fazê-lo juntas. E fazemo-lo reinventando processos democráticos, recusando hierarquias e capacitando ativistas. Não nos demitimos desta responsabilidade, nem autorizamos ninguém a falar por nós.

Somos feministas e queremos todas as vozes a contar nas mudanças que queremos construir. Somos do feminismo interseccional, aquele que não se conforma e combate os privilégios de classe e de raça, um feminismo que não aceita a prescrição de uma sexualidade subjugada, que não se verga perante os poderes, sejam eles o económico, o político ou o simbólico.

Somos hetero, somos lésbicas, somos trans, somos tudo aquilo que o prazer consentido nos permite explorar.

Somos portuguesas, somos brasileiras, somos cabo-verdianas, somos de todas as cores e lugares, porque para nós não há fronteiras.

Somos altas, somos baixas, somos gordas, somos magras, somos loiras e morenas também, somos de todas as formas e cores que é possível imaginar. Somos doutoras, somos estudantes, somos operárias, somos precárias, somos desempregadas.

Mas não somos resignadas.

Somos do norte e somos do sul, do litoral e do interior, somos de todos os cantos do mundo, porque onde houver desigualdade uma feminista se levantará. Somos tu e eu, somos nós, somos todas. Somos todas juntas com a nossa voz a contar.

Porto, Março de 2018

Anexo 2

Manifesto do Encontro de Mulheres Todas as Vozes Contam / Março de 2018. Documento disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/encontro-de-mulheres-portugal/manifesto18-todas-as-vozes-contam/761930863997543>>.